



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

O QUE É SER PEDAGOGO: UMA VISÃO DO PROFISSIONAL

LUCIANA CRISTINA DA SILVA AVELINO

BRASÍLIA – DF
AGOSTO DE 2013



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

O QUE É SER PEDAGOGO: UMA VISÃO DO PROFISSIONAL

LUCIANA CRISTINA DA SILVA AVELINO

BRASÍLIA – DF
AGOSTO DE 2013

LUCIANA CRISTINA DA SILVA AVELINO

O QUE É SER PEDAGOGO: UMA VISÃO DO PROFISSIONAL

Trabalho de Final de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Kátia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro da Silva.

Comissão Examinadora:

Professor Dr. Catarina Almeida Santos (Presidente da banca)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Dra. Otília Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas (Examinadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Fabiana Margarita Gomes Lagar (Examinadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília, agosto/2013

LUCIANA CRISTINA DA SILVA AVELINO

O QUE É SER PEDAGOGO: UMA VISÃO DO PROFISSIONAL

Trabalho de Final de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Kátia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro da Silva.

Comissão Examinadora:

Professor Dr. Catarina Almeida Santos (Presidente da banca)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Dra. Otília Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas (Examinadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Fabiana Margarita Gomes Lagar (Examinadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília, agosto/2013

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus por permitir minha chegada a esta fase, a minha família e namorado por todo o amor e dedicação para comigo, por terem sido peças fundamentais no meu desenvolvimento acadêmico, e a todos que de alguma forma contribuíram durante a minha graduação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me abençoado com a entrada em uma universidade pública, me orientando durante todo a minha graduação, e fornecendo força e ânimo para essa caminhada longa e difícil.

Aos meus amados pais, por terem me apoiado na escolha do curso, me dando todo o suporte em minha trajetória, se dedicando com muito amor e carinho.

As minhas irmãs que me ajudaram e enxergavam em mim um potencial que nem eu mesma conseguia ver, acreditando que conseguiria conquistar meus objetivos.

Ao meu namorado Haveraldo, que durante todo o curso me acompanhou, sempre incentivando meus estudos, me animando a continuar mesmo quando já pensava em desistir, agradeço por toda a compreensão, carinho, paciência e amor dedicado a mim durante essa trajetória.

Aos amigos que pude conhecer quando ingressei no curso, e que mesmo durante o tempo de alguma forma mantemos algum contato. Agradeço em especial a Pamila, Rayane e Gabriela que são as amigas mais próximas e dividiram e continuam a dividir, momento de alegria, de tristeza, de emoções e brincadeira, me auxiliando também no meu desenvolvimento acadêmico.

Aos meus professores, que ao longo do curso permitiram que eu conhecesse a pedagogia de forma mais intensa, me dando o aporte teórico que irei precisar no exercício da prática pedagógica. Em especial a professora e orientadora desse trabalho, Kátia Augusta, que me ajudou a encontrar meu lugar na pedagogia, me auxiliou e me guiou durante o curso.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Formação e Atuação de Professores/Pedagogos – GEPPe, especialmente as professoras Kátia Augusta e Shirleide, onde pude refletir e discutir sobre o pedagogo e a pedagogia, atuando ativamente na construção de conhecimento que me permitirá exercer a profissão de forma mais consciente.

A todos que não citei, mas que de alguma forma, contribuíram para minha formação pessoal e profissional e que se fizeram e fazem presentes em minha memória.

AVELINO, Luciana Cristina da Silva. **O que é ser pedagogo: uma visão do profissional.** 2013, p. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação – Universidade de Brasília – UnB, Brasília – DF.

RESUMO

Esse trabalho tem por objetivo compreender melhor a identidade do pedagogo, algo que se encontra ainda em discussão, mesmo tendo passado diversos anos. Para isso busca-se, através de uma pesquisa, verificar como o pedagogo já no mercado do trabalho se define como ele expõe e conceitua a sua atividade, sua identidade profissional. Caracterizar esse profissional se mostra uma tarefa difícil, e junto com autores como Libâneo e Saviani que tratam sobre o tema, pretende-se entender melhor a atuação e função do pedagogo em nossa sociedade. Para iniciar essa discussão, na primeira parte é feita uma viagem histórica, resgatando a criação do curso de pedagogia e junto com ela a problemática da identidade desse profissional. Logo após, com a ajuda de estudiosos da psicologia é estabelecido à conceituação do que é identidade, e como se constitui, para auxiliar na compreensão de como é formada também a identidade profissional. O estudo permitiu identificar como o sujeito constrói suas características, revelando os atores envolvidos nesse processo. Por último apresento o grupo de estudo GEPFAPE, fazendo a análise da pesquisa abordada nessa produção, expondo as identidades profissionais postas pelos pedagogos já em atuação, fazendo a articulação com as definições desse profissional trazidos pelo estudiosos que se debruçam a estudar a pedagogia. A pesquisa confirma a identidade confusa constituída pelo pedagogo, é necessária a configuração de sete categorias para abarcar as diversas respostas, essas navegam entre vários papéis desempenhados por esse profissional. Revela também que, em sua maioria, o pedagogo está ciente que seu campo de atuação é amplo, mais ainda é confuso qual o eixo do trabalho pedagógico, ficando em dúvida se a base de sua identidade se constitui na docência ou não.

Palavras-chaves: Pedagogo, identidade do pedagogo e função do pedagogo.

AVELINO, Luciana Cristina da Silva. **O que é ser pedagogo: uma visão do profissional.** 2013. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação – Universidade de Brasília – UnB, Brasília – DF.

ABSTRACT

This work aims to better understand the identity of the teacher , which is still under discussion, even though the past several years . For this we seek to , through a survey , see how the teacher already in the labor market is defined as it exposes and conceptualizes their activity, their professional identity . Characterize this professional proves a difficult task , and along with authors such as Libâneo Saviani and dealing on the subject , aims to better understand the role and function of the teacher in our society . To start this discussion , the first part is made a historic trip , rescuing the creation of the pedagogy course and along with it the problem of the identity of this professional . Soon after , with the help of scholars of psychology is the established conceptualization of what identity is and how it is to assist in understanding how is also formed professional identity . The study identified how the subject constructs its features , revealing the actors involved in this process . Finally the group GEPFAPe present study , making the analysis of the research addressed in this production , giving the professional identities put by educators already in operation, making the link with the settings of that brought by professional scholars who focus studying pedagogy . The research confirms the confused identity constituted by the teacher is required to setup the seven categories to encompass the various responses , sailing between these various roles played by these professionals . Also reveals that , in most cases, the teacher is aware that their field is large , it is even more confusing the axis of pedagogical work , leaving in doubt whether the basis of their identity constitutes the lecture or not .

Keywords: Pedagogy, pedagogy identity and function of the pedagogue.

“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre”.

(FREIRE, 1996).

SUMÁRIO

PARTE I.....	12
MEMORIAL ACADÊMICO.....	13
PARTE II.....	17
INTRODUÇÃO	18
1. IDENTIDADES: CONCEITOS E REFLEXÕES.....	21
1.1. Conceituando identidade	21
1.2. Identidade profissional	25
2. A HISTÓRIA DO CURSO DE PEDAGOGIA NO BRASIL	30
2.1. Criação do curso de pedagogia.....	30
2.1.1 Resolução CFE 252/69: novos rumos para o curso de pedagogia.....	32
2.1.2 O momento de lutas pela sociedade civil: novo papel do curso de pedagogia.....	34
3. IDENTIDADE PROFISSIONAL DO PEDAGOGO: PERSPECTIVAS DOS PROFISSIONAIS EM ATUAÇÃO	38
3.1 Pedagogo em atuação: identidades formadas	40
3.1.1. Missionário.....	43
3.1.2. Agente transformador.....	45
3.1.3. Profissional da educação	47
3.1.4. Mediador de conhecimento	48
3.1.5. Formador de sujeito/Educador	49
3.1.6. Ensinar e aprender: professor	51
3.1.7. Especialista em educação	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
PARTE III.....	57
PERSPECTIVAS FUTURAS	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59
ANEXOS.....	62
Anexo 1	63
Anexo 2	72
Anexo 3	81

LISTA DE TABELAS

Tabela1 – Ser pedagogo (a) é.

PARTE I

MEMORIAL ACADÊMICO

Construção. Todo o percurso da vida é uma eterna construção, sempre estamos acrescentando algo novo, que irá servir como acessório ou como sua estrutura. Alguns acontecimentos nem prestamos atenção, mas nos surpreendemos quando num futuro lembramos dele e percebemos como ele foi decisivo na sua tomada de decisão, principalmente os estruturantes.

Muito do que construímos hoje teve início na infância, e isso vejo de forma concreta quando me lembro das brincadeiras de escolinha que fazia em casa com minhas irmãs mais novas, sempre eu era a professora. Provavelmente a grande maioria das pessoas já brincou disso quando eram crianças, mas na minha brincadeira eu fazia igual à professora da escola, tinha até um diário onde anotava o que fazíamos no dia e a chamada dos alunos, porque observava que diariamente no final da aula ela escrevia alguma coisa num caderninho alaranjado, onde na capa era descrito série e turma. A minha mãe sofria, todo final de dia o nosso guarda-roupa estava de cima a baixo escrito de giz. Na escola era fácil pegar giz, os professores deixavam no quadro, tinha de toda a cor, azul, amarelo, rosa e eu adorava.

Já nas séries finais do ensino fundamental a palavra que me faz lembrar essa época, é mudança. Mudei de escola, de casa, de amigos. Estudei em escolas particulares, públicas, morei em casa e apartamento. Conheci pessoas de várias classes sociais, e hoje tenho consciência para refletir sobre as diferenças entre esses espaços. A escola é o espaço em que construímos parte da nossa identidade, é onde temos convívio social e conhecemos as pessoas que influenciarão toda a nossa visão de mundo, que ajudarão a formar nossa personalidade.

Nessa fase da pré-adolescência lembro-me de uma conversa com minha prima Lorena, que em soma não foi relevante na época, mas hoje vejo sua influência em minha escolha profissional. Num dia esperávamos ônibus numa parada do Cruzeiro, estávamos conversando sobre faculdade e o que ela iria fazer quando saísse do ensino médio. Então ela me disse que sua vontade mesmo, era fazer odontologia, mas como era um curso que necessitaria de muito recurso financeiro, ela iria optar por fazer o antigo normal, que era uma área acessível e que também tinha um interesse. Nem sabia o que era curso normal, mas me interessei quando ela disse que depois poderia dar aulas para criança.

Esse momento foi aparentemente esquecido quando entrei no ensino médio, estudava no período matutino e como era longe tinha que acordar muito cedo. No início, tudo era festa, amigos novos, inícios de pequenos namoros, e eu que não era de fazer bagunça em sala, fazia. No primeiro ano na escola, mudei de comportamento em relação às outras escolas em que tinha passado, porém não me descuidei das notas, pois apesar de tudo sempre tive responsabilidade de estudar e manter as notas boas, acho que isso é devido a pressão da família que sempre esperava o melhor de mim.

No segundo ano já tinha conhecido outras pessoas, porque as do ano anterior tinham reprovado ou mudado de escola, mas as amizades eu conservei. Foi um ano de mais estudo e comecei a pensar qual seria a minha escolha nos diversos processos seletivos das faculdades e universidades. Entre tantos cursos que pensei, gostaria de trabalhar com medicina, jornalismo e pedagogia, que me foi uma das opções por estar acompanhando a trajetória de formação da minha prima que se formou há pouco tempo no curso.

Ao final do terceiro ano, junto com o ganho maior de liberdade veio também responsabilidades, comecei a estagiar, então minha vida estava corrida. Toda essa agitação foi positiva. Aprendi muitas coisas com o estágio, em relação ao modo de viver e acho que todo adolescente deveria passar por essa experiência. Como estagiava na área de licitação, mexíamos muito com processos e a burocracia era imensa, com isso decidi que uma coisa eu não gostaria de fazer: passar em um concurso para lidar com tarefas estritamente burocrática. Essa tarefa era vista por mim como entediante e hoje ainda não mudo minha opinião. Desde então comecei a pensar em profissões e carreiras que não me deixariam entediada, lidando somente com papéis e burocracia, queria algo dinâmico e que proporcionasse alguma satisfação e felicidade.

Nesta procura, tomei a decisão que faria jornalismo. Algo que gostava e ainda gosto, mas que no último momento, quando pesquisava as profissões, suas vantagens e desvantagens percebi que em Brasília seria difícil estabelecer carreira na área de comunicação. Quando foi se aproximando o momento da escolha do curso no Programa de Avaliação Seriada da Universidade de Brasília, vi meu argumento e quais os cursos que provavelmente eu passaria e que gostaria de fazer. Entre eles havia pedagogia, e foi o que eu escolhi.

Admito que o curso em que sonhava em fazer era medicina, porém na época, pedagogia era o que se adequava mais as minhas necessidades e as minhas possibilidades.

Essa escolha foi feita de forma consciente, não fiz somente para ter um curso de ensino superior, mas para realmente seguir a profissão que apesar de todos os seus infortúnios me é agradável.

Dia do resultado do PAS – Programa de Avaliação Seriada – estava na casa da minha prima Ana Carolina, sem nem cogitar que seria uma das datas mais felizes da minha vida. O telefone toca, era uma amiga minha da escola, até aí nada demais. Ela me dá a notícia, fico muito nervosa e penso que ela está de brincadeira comigo. Então corro na “lan house” para confirmar a notícia, já saltitando de alegria. Entro no site da UNB e quando vejo o resultado quase não acredito, é bom demais. Minha alegria é tão grande, pois sem essa oportunidade não sei se teria como fazer um curso superior, pois uma das oportunidades que era o ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio – eu já havia perdido. Em 2009, entrei na UNB sem saber o que esperar tanto da instituição quanto do curso. Mas as primeiras matérias já me revelaram que seria um percurso bem interessante, porém se quisesse aprender alguma coisa teria que realmente estudar e ler bastante. Nessa fase o ritmo estava bem tranquilo, pois só estudava e tinha tempo de sobra para todas as tarefas do dia-dia. Mas essa folga acabou e comecei a trabalhar para custear minhas despesas, que na UNB, são muitas.

No terceiro semestre fiz uma matéria que foi bastante significativa, Projeto 2¹, que estudávamos o que é pedagogia, a identidade do pedagogo e suas áreas de atuação. Comecei a refletir nessa disciplina que muitos estudantes que estão no curso, nem sabem o que é pedagogia, e nem se preocupam em obter essas informações. Essa matéria é essencial em nossa formação, para nos ajudar a trilhar o nosso destino acadêmico que possui tantas alternativas, pois as matérias que fazemos na faculdade é o que irá definir nossa identidade como pedagogo.

Com essa disciplina conheci alguns Projetos 3² e escolhi o que me interessou que era dentro da área de pedagogia empresarial. Na verdade o meu interesse seria por um projeto que trabalhasse a questão dos jovens infratores, porém não encontrei nenhum projeto diretamente nessa área. Então no meu quarto semestre fiz o projeto de pedagogia empresarial, conheci o

¹ Projeto 2 – O curso de Pedagogia da Universidade de Brasília é estruturado por disciplinas que se chamam projetos, esse em específico tem o objetivo de apresentar o curso e conhecer mais o pedagogo.

² Projeto 3 – O curso de Pedagogia da Universidade de Brasília é estruturado por disciplinas que se chamam projetos, neste projeto aprofundamos em algum tema na área da pedagogia que temos interesse e que provavelmente será a temática da monografia.

trabalho do pedagogo nesta área e outras questões, gostei, mas acho que o espaço poderia ser melhor aproveitado em relação a teoria e a prática que, em minha opinião, deixou a desejar.

Seguindo minha trajetória acadêmica, fiz a terceira fase do projeto três no grupo de pesquisa da professora Kátia Augusto, que é o GEPFAPe - Grupo de Estudo e Pesquisa Sobre Formação e Atuação De Professores e Pedagogos. Nesse estudo foi aplicado um questionário para diversos pedagogos e pedagogas que trabalham no Distrito Federal em instituições escolares e não escolares, a fim de traçar o perfil profissional e de formação dos mesmos.

Dentro do questionário havia somente uma questão discursiva, sobre o que é ser pedagogo e foi ela que escolhi para analisar no meu trabalho final do curso, é interessante verificar se os profissionais que já atuam na área sabem se definir, e como o fazem. Essa pergunta nos responde qual é a identidade do pedagogo, que em sua essência é professor, mas ainda fica a dúvida, nos reconhecemos como tal?

PARTE II

INTRODUÇÃO

No momento da escolha do curso superior que iremos fazer, muitas opções passam por nossas cabeças, porém faz-se a escolha de acordo com nossa identificação com a profissão, com as possibilidades financeiras, com o nosso objetivo de vida, entre outros. No ato dessa decisão, sabemos, ou deveríamos saber, qual profissional iremos nos tornar ao final do curso, qual o nosso papel na sociedade.

Entretanto, voltando ao início do curso mais precisamente ao primeiro semestre, pude observar que a maioria dos egressos que começaram a frequentá-lo não tinha ideia do vasto campo de atuação do pedagogo. Muitos da turma, inclusive eu, tinha em mente que o pedagogo apenas atuava como professor em séries iniciais e com educação infantil. Porém, ao longo da graduação pude conhecer e visualizar quais são as competências do pedagogo, qual o seu objeto de trabalho.

Conhecendo mais a pedagogia, fica claro que ela estuda a educação, os problemas educativos, investigando a “realidade educativa no geral e no particular” (LIBÂNEO 1998, p. 51). O curso de pedagogia no Brasil se instala com muitas indeterminações, a formação e colocação do egresso nele é confusa. E como percebi em minha trajetória, ainda é. A identidade do pedagogo vem se delineando concomitantemente com o curso, já foi muito discutida, porém continua indefinida.

Atualmente, com a globalização, o profissional precisa dominar saberes além da sua área específica, e com o pedagogo não é diferente. Esse profissional exerce vários papéis, é educador, professor, mediador, entre outros. Independente da função que exerce ele lida com uma prática e ação pedagógica.

A afirmação de uma identidade para esse profissional, a definição do papel deste é primordial para que os cursos superiores que irão formar esses profissionais se renovem e ofereçam o aporte teórico necessário para uma atuação mais consciente e responsável desse profissional, isso também é necessário para que haja uma valorização do mesmo, onde o próprio profissional e por consequência a sociedade, conseguem identificar suas características, ciente do trabalho que ele desenvolve e vendo-o como profissional sério e necessário a todos.

Conhecer sobre a identidade de um profissional tão complexo me fez querer saber um pouco mais da realidade, queria verificar na prática como a conceituação da mesma é feita. Foi então que a partir de um projeto oferecido pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília tive a oportunidade de aprofundar e obter mais informações sobre a formação e

atuação do pedagogo, a disciplina Projeto 2 auxilia o egresso do curso a conhecer esse universo tão amplo que ele faz parte agora.

Tendo feito esse breve estudo, tive a chance de presenciar o trabalho que estava sendo desenvolvido pelo GEPPAPE - Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Formação e Atuação de Professores e Pedagogos – minha integração e entrada neste grupo foi fundamental para meu desenvolvimento acadêmico e a possibilidade de participar da elaboração de uma pesquisa. Esta tinha como objetivo investigar mais sobre o perfil, formação e atuação dos pedagogos atuantes no Distrito Federal. Mas com a sua elaboração, mais precisamente com a constituição da última pergunta, pude perceber ali uma oportunidade de resposta as minhas questões não resolvidas.

Na atividade desenvolvida pelo grupo surgiam várias interrogações: afinal, qual a identidade delineada pelo pedagogo já em atuação? Qual a identidade posta por eles? Ele se define como professor? A essência e a base profissional do pedagogo, para ele, são vistas como a docência?

A fim de tentar responder essas questões, e minha inquietação, este trabalho foi realizado, tendo como objetivo identificar as identidades postas pelos pedagogos já em atuação, verificando e analisando suas definições. Ao refletir sobre a estrutura deste, pude identificar que necessitaria do auxílio de outra ciência, a psicologia, para atender ao que estava me propondo.

Isso se deu porque para entender a identidade profissional, o ser que é o pedagogo, precisa entender primeiramente o que é identidade, de uma forma geral, e como ela vai se constituindo durante a vida do indivíduo. Então, temos assim a primeira parte do primeiro capítulo, ele trata essencialmente da identidade, busco fazer uma definição deste termo à luz de autores da psicologia, e ainda trago para reflexão o processo de reflexão desta. A identidade está sempre em desenvolvimento, se renovando e adquirindo novas dimensões. Ele é o que difere e iguala o sujeito na sociedade.

A partir dessa primeira parte, foi necessário definir também o que é identidade profissional, e então na segunda parte me debrucei sobre essa questão. A identidade profissional começa a ser delineada na formação escolar/acadêmica do sujeito, proporcionando a ele uma maior identificação ou não com o ofício que ele escolheu. Procuro apresentar como que o conhecimento teórico e prático, a experiência, influenciam para a constituição de características próprias desse profissional. A identidade profissional também é

algo em contínuo movimento, essa identidade nunca está totalmente pronta, ela precisa ser sempre atualizada, para acompanhar a rápida evolução da sociedade.

No segundo capítulo, apresentamos a criação do curso de pedagogia e o seu desenvolvimento histórico. Essa retrospectiva se faz necessária e fundamental para entendermos a problemática da identidade profissional do pedagogo. É necessário compreender em que contextos e em quais condições se deu a instalação do curso de pedagogia no Brasil, entendendo o primeiro papel do pedagogo. As mudanças de paradigmas, modificações legais e a discussão feita por estudiosos, e estudantes do curso também é válida durante essa análise histórica.

Por último, trago a análise da pergunta que faz parte da pesquisa realizada pelo GEPFAPe, feita no ano de 2010-2011. Apresento neste capítulo o GEPFAPe, explicando como se deu a sua criação, quem são seus participante e como seu deu a confecção e aplicação da pesquisa analisada neste trabalho. É feita uma análise geral do resultado da pesquisa, esclarecendo como foi feita a análise da pergunta que foi o alvo nesta produção. Junto com as identidades postas pelos pedagogos em atuação, busco definir com ajuda de outros autores da pedagogia, o que é ser pedagogo, explorando o seu objeto de trabalho e estudo.

1. IDENTIDADES: CONCEITOS E REFLEXÕES

1.1 Conceituando Identidade

Antes do profissional se constituir como tal, ele é sujeito. Sendo assim, todos nós possuímos uma, ou várias identidades. As perguntas tão comuns e cotidianas que fazemos – quem é ele (a) ou quem somos nós? – já remetem a respostas sobre identidade. Porém, poucas vezes as informações adquiridas com tais questionamentos serão suficientes para identificação de um sujeito, com todas as suas características e complexidades (CIAMPA, 1984, p. 58).

Uma reação muito comum quando se tenta responder as questões acima, é falarmos o nome. Esse é algo que temos como nosso, e junto com o sobrenome diferencia e ao mesmo tempo nos faz similar com o primeiro grupo social que o temos contato, a família. Porém não devemos confundi-lo como sendo a identidade, ele é apenas parte dela. De acordo com Ciampa (1984), o nome é apenas um substantivo e como tal nomeia um ser, mas ainda não dá para o definirmos apenas com essa informação, ele carrega consigo, de uma forma bem simples, um dos dilemas da identidade que ao mesmo tempo nos diferencia e nos iguala da sociedade em que estamos inseridos.

Hall (2006) traz para estudo três concepções de identidade, a primeira é a do Iluminismo que prega a ideia de um sujeito mais individual. Sua identidade era vista como algo que vinha desde seu nascimento, esse tinha um centro essencial que era a sua identidade, que não se modificava com o tempo nem com os contextos em que viviam.

A segunda conceituação é feita através da sociologia clássica, que supõe a identidade como algo mais complexo, tornando-a fruto da interação do indivíduo com a sociedade, entretanto ainda conserva um núcleo, que é o “eu real”, porém esse é modificado na relação do sujeito com as culturas e identidades oferecidas pelo mundo. Com isso a identidade torna-se então uma espécie de “costura”, algo que liga o sujeito a estrutura e os elementos nela contido.

Já na terceira definição expressa algo em que vivemos. Com o mundo globalizado, e o avanço da tecnologia, as informações e o conhecimento vão se alastrando por todo planeta, e toda essa mudança de contexto é refletido também na ordem social, que por sua vez acaba por atingir todos nós, fazendo com que nossas identidades se adaptem as novas situações que vão

surgindo, portanto não há uma identidade, mas identidades que vão sendo construídas na fluidez da trajetória do indivíduo.

Essa concepção é do homem pós-moderno. Aqui a identidade é algo mutável, que está em constante mudança e transformação, sendo transpassada pelas culturas e elementos novos que vão surgindo a cada momento. A sua constituição é histórica e não biológica, ela não está acabada e definida, o sujeito assume identidades diferentes de acordo com o momento em que vive (HALL, 2006, p. 12-13).

Um conceito mais popularizado, é que a identidade se classifica como um *self*, cuja forma dá condições para o sujeito se diferenciar dos demais, tendo uma singularidade própria, mas ao mesmo tempo fornece elementos para que o mesmo se reconheça coletivamente com outros de sua classe (CALDAS; WODD Jr., 1997, p. 10).

Trazendo um elemento novo, Erickson (1972) mostra que a identidade é algo subjetivo, que apesar de mudanças ocorridas ao longo da vida do sujeito, ela se mostra como algo que dá a sensação de “permanecer o mesmo”, e junto com isso uma noção de continuidade. Em seu trabalho com ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial, ele percebe que esse sentimento por ele descrito foi perdido por alguns soldados, causando assim, o que ele chama de crise de identidade, eles sabem quem são e de onde pertencem, porém não se reconhecem nisso, nem com a pessoa que ele tem em mente que eram.

Apesar de várias conceituações feitas, uma dicotomia entre a identidade individual e social está posta, porém o termo mais adequado e que abarca essas duas dimensões é a identidade social. Laurenti e Barros (2000) mostram em seu artigo que a identidade se define no entrelaçamento dessas duas dimensões, e que essa pseudo dicotomia é falsa, ou seja, não existe, pois separar esse dois aspectos é impossível. Para que exista um, é necessário que o outro também esteja presente, o homem só se reconhece como tal quando os outros assim o vê. De acordo com Ciampa:

Não podemos isolar de um lado todo um conjunto de elementos – biológicos, psicológicos, sociais, etc. – que podem caracterizar um indivíduo, identificando-o, e de outro lado a representação desse indivíduo como uma duplicação mental ou simbólica, que expressaria a sua identidade. Isso porque há como uma interpenetração desses dois aspectos, de tal forma que a individualidade dada já pressupõe um processo anterior de representação que faz parte da constituição do indivíduo representado. (CIAMPA, 1984, p. 65).

Fica claro que a identidade não é algo inato, que já vem imposta ao indivíduo, como pensavam os Iluministas, mas ela é construída nas relações sociais, é algo sócio-histórico. Segundo Ciampa (1984), a identidade não está pré-estabelecida, com um futuro previsível, tampouco está livre de suas condições históricas. A ordem social que está posta interfere nas possibilidades de identidade que os sujeitos podem ter, sendo algo que vai sendo construído, não chegará a uma definição total, a mudança é algo permanente na identidade.

Hall (2006) chega a propor que se fale em identificação, não construindo assim a falsa ideia de uma identidade acabada, mas sim algo que está em processo, que vai sendo feita e refeita ao longo dos anos de vida do sujeito. A psicanálise argumenta que o sujeito está sempre em busca da plenitude, então a sensação de unidade vem acompanhada de algo “imaginário”, essa unidade e inteireza do ser é fantasiada, pois sempre o sujeito está incompleto, que por vezes é preenchido pelo exterior, traduzidas da nossa visão pelos outros, como eles nos vê.

Segundo Jacques (1998), a identidade vai sendo construída, pela imagem que fazemos de nós mesmos, através do que o outro enxerga, mas não só esta autoimagem é necessária, ela é apenas um ponto de partida. É a partir disso, que construímos a imagem de nós mesmos, porém o sujeito só se torna algo na ação, pois identidade não é substantivo, que dá uma nomenclatura a um ser, ela é verbo, está em movimento, em exercício. Uma vez que “é pelo agir, é pelo fazer, que alguém se torna algo” (CIAMPA, 1984, p.64).

Como dito, a identidade é um processo algo se vai se constituindo, sendo assim Erikson (1972), vem abordar como se dá a construção da mesma, constituídas de reflexões e observações, no sistema psicológico ele coloca que

(...)o indivíduo se julga a si próprio à luz daquilo que percebe ser a maneira como os outros o julgam, em comparação com eles próprios e com uma tipologia que é significativa para eles; enquanto que ele julga a maneira como eles o julgam à luz do modo como se percebe a si próprio em comparação com os demais e com os tipos que se tornaram importantes para eles (Erikson, 1972, p. 21).

Todo esse processo ocorre inconscientemente, e está sempre em constante evolução, inicia-se quando o sujeito é bebê e tem o contato com o primeiro humano: a mãe. Então ocorre durante todo o processo de humanidade.

No confronto do sujeito com a sociedade e, conseqüentemente, com os grupos sociais que participam, ele exerce vários papéis. Assim, o sujeito pode ter uma infinidade de identidades. Pode ser pai, filho, amigo, professor, cliente entre outros, mas ele só age como tal e se o outro o reconhecer nesse papel. Quando o sujeito está sendo filho, as outras identidades estão ocultas, não é possível ele mostrar-se em sua inteireza, todavia não se pode apresentar-se sem estar embutido de todos os “eus” exercidos por ele. Assim:

O nascituro, uma vez nascido, constituir-se-á como filho na medida em que as relações nas quais esteja envolvido concretamente confirmem essa representação através de comportamentos que reforcem sua conduta como filho e assim por diante (CIAMPA, 1984, p. 66).

Com isso, é possível reconhecer que a identidade é uma unidade, mas uma múltipla e contraditória, assim como colocado por Ciampa (1984), o sujeito exerce papéis sociais, desde seu nascimento, e sua identidade está sempre em reposição, já que os objetos sociais (pais, filhos, professor etc) podem vir à extinção a qualquer momento, por imposição da ordem social, acontecimentos imprevisíveis e até mesmo por escolha do sujeito.

Segundo Ciampa (1984), quando o sujeito enfrenta o outro, a representação se dá em três sentidos. Primeiramente, o sujeito representa quando está sendo representante de si mesmo, ele também representa enquanto exerce os papéis sociais, ocultando os demais como já foi dito. E por fim, ocorre a representação quando ele está refazendo a apresentação dele, quando ocorre a reposição para que mudanças ocorram em suas identidades.

Usando princípios de Gadotti (1983) sobre a dialética, Laurenti e Barros (2000) fazem uma abordagem interessante, segundo as autoras, nessas reposições que ocorrem na identidade, acontece ínfimas mudanças, que muitas vezes não são percebidas, mas com o tempo as mesmas se acumulam e tornam-se visíveis. Com isso falamos que o sujeito mudou de repente. Entretanto a afirmação é errada porque as reposições e mudanças ocorreram, apenas não foram percebidas. Através desse processo, a identidade vai se renovando e sempre surgindo de uma forma nova.

Em todo o caminho que a identidade vai sendo constituída, a singularidade tão buscada pelo indivíduo, é formada pela negação, ele se recusa a aceitar o que lhe negam e a visão que outro tem dele. E com isso ele vai se reconhecendo, se definindo e tornando-se singular, o que antes era indefinido e ainda genérico (LAURENTI E BARROS, 2000). Posto

isso, vemos que a identidade não pode ser algo totalmente individual, nem social, o outro deve estar presente e é através dele que o sujeito irá se reafirmar como tal.

Na modernidade, o homem não pode ser uno. Ele desempenha diversos papéis e conseqüentemente possui várias identidades, a globalização sofrida impõe uma nova postura do sujeito, exige dele que as identidades sejam múltiplas. E em busca de mostrar-se pleno, o sujeito apresenta-se sempre diverso de si mesmo, buscando mostrar toda a sua unidade (CIAMPA, 1984, p.70). Isso dá uma ideia de algo provisório, onde as transformações ocorrem tão rapidamente, que notar mudanças neste processo de constituição de identidade é algo difícil.

O homem não reconhece o outro e tão pouco a si mesmo como humano, essa é uma problemática atual, constitui-se como um desacordo entre o indivíduo e a sociedade. E assim, uma frase de Mário de Andrade trazida por Ciampa (1984, p.73) expressa bem o sentimento vivido pelo sujeito de hoje, revelando que “Ninguém chega a ser um nesta cidade”.

Aos poucos vamos constituindo um conceito de identidade, este que vai se delineando como algo incerto, mutável, algo que é

(...)movimento, é desenvolvimento do concreto.

Identidade é metamorfose.

É sermos o Um e um Outro, para que cheguemos a ser Um, numa infindável transformação (CIAMPA, 1984, p. 74).

A definição do que vem a ser identidade é algo complicado e complexo, é preciso repensar nas respostas as perguntas feitas no primeiro parágrafo, essa situação não só é percebida após leituras sobre o assunto, mas também já foi descrita por um cantor brasileiro que já dizia ser uma “metamorfose ambulante” e declara também que “eu nem sei quem sou”. Contudo o que podemos afirmar, é que ela é um processo social e histórico, que vai sendo construído em toda a nossa existência, recebendo interferência dos elementos mais diversos e onde somos um e vários, como dito por Ciampa (1984, p. 74) “É sermos um e um Outro”

1.2 Identidade Profissional

A partir do nascimento, o sujeito já possui expectativas depositadas nele, a sociedade e mesmo o próprio sujeito espera que no momento oportuno aquele ser possa contribuir de

forma objetiva, exercendo alguma atividade que possibilite a sua realização, sobrevivência e também contribua para adaptações do sistema político e social então vigente.

Tendo entendido o que é identidade, e de forma simples, como se constitui, temos em mente que a mesma nos possibilita exercer diversos papéis, sendo assim ser um trabalhador, profissional é um deles. A identidade profissional pode ser considerada como uma subespécie de identidade social, pois esta agrega várias possibilidades, incluindo o individual e também o profissional, que se constitui em meio à sociedade e suas relações (SANTOS, 2005).

O que fazemos como profissional ajudará na constituição de nossa identidade individual e social, pois todas essas dimensões são inseparáveis. No trabalho que o sujeito exerce não só é importante o seu processo em si, como ele o realiza, mas também o produto resultante. Esses fatores irão constituir a sociedade e o indivíduo, podendo, conforme os contextos e situações, modificar ou ajudar em sua manutenção.

Outro dois sistemas que não podem ser analisados separadamente da identidade profissional é o da atividade instrumental, que seria o processo do trabalho e atividade comunicacional, que é justamente a interação entre os sujeitos (HABERMAS apud SANTOS, 2005). Em conjunto com estas, o sujeito vai formando sua identidade profissional, apropriando-se tanto do trabalho técnico da profissão, mas também da linguagem e outras características que o fazem ter o sentimento de pertença ao grupo de trabalho.

De acordo com Lepla citado por Blin (1997), na ação profissional o indivíduo tem acesso a um conjunto de informações, conhecimentos comuns que irão orienta-lo na execução de sua atividade. De forma explícita ou implícita, todo esse aporte será compartilhado num mesmo contexto profissional, sendo usado também para servir como base para comunicações e trocas entre os profissionais. Esses dados são chamados pelo autor de referencial comum, o que também inclui a linguagem técnica usada em diversas profissões.

Através dessa interação e cultura criada pelos atores do campo profissional, o grupo vai constituindo a própria identidade, e influencia também na constituição da identidade profissional de seus membros. Isso comprova que a experiência também é importante para a identidade profissional, em sua dinâmica real, o trabalhador vai interagindo com os demais indivíduos do grupo, vivendo os acordos e desacordos que o transformarão em um profissional específico, é através da vivência que o individual vai se ajustando ao coletivo.

De acordo com Teodoro (2005), a escolha de uma profissão é um marco no desenvolvimento da identidade profissional, constituirá a identidade adulta, sinalizando a entrada do jovem ao mercado de trabalho. Aqui se inicia uma busca para abandono da adolescência, que ocorre quando o sujeito torna-se independente financeiramente e psicologicamente.

A constituição da identidade profissional se dá não só através de conhecimentos escolares, segundo Dubar (1997, p. 213) é necessário uma unidade complexa de aprendizagem, que abrange conhecimentos sócio-técnicos que se sobrepõe e se diferencia do primeiro, auxilia a estruturar a identidade e traz ao sujeito um sentimento de pertença maior ao grupo de profissionais do mesmo ramo.

Segundo Campos (2000, apud TEODORO, 2005, p. 2) identidade profissional é o conjunto de características que faz com que o sujeito se identifique e o faça semelhante a outras pessoas que exerçam alguma atividade socialmente reconhecida. Ainda de acordo com o autor, geralmente, pressupõe um diploma ou outra forma de reconhecimento de competências.

Já para Luna e Baptista (2001), a significação que o sujeito e que o outro dá para a representação de seu trabalho constitui a identidade profissional. Ela reflete todas as outras identidades. Sendo assim, o professor não pode se apresentar em seu posto de trabalho somente como tal, ele também revela o filho, pai, irmão, colega, enfim ele traz consigo todas as outras representações. Alguns questionamentos - O que faço? Onde? Como? Com quem? Para quem? - pode nos fazer tentar responder o que seja a identidade profissional, as respostas para tais perguntas, conjuntamente, traz a essência do trabalho que o sujeito realiza.

Apesar dessa problemática, é por meio do trabalho que o indivíduo busca se inserir na sociedade de forma significativa. Os termos identidade e trabalho se relacionam de forma íntima, “o termo identidade profissional caracteriza um processo de desenvolvimento psicossocial em que se envolvem indivíduos e categorias profissionais” (CAMPOS, 2000, p.185). É através da relação entre esses dois aspectos que a identidade profissional se configura.

No sistema de produção capitalista, o trabalho tem papel fundamental na constituição humana, tendo em vista que este é reconhecido pela sociedade, o papel do trabalhador e profissional tem destaque, sendo objeto diferenciador do sujeito (JACQUES, 1997).

Por meio do trabalho, o sujeito tem a possibilidade de atender suas necessidades, e com o capitalismo isso se tornou ainda mais intenso, pois o processo de globalização e as demais relações resultantes dessa mudança tecnológica e social resultaram na mudança de paradigmas. O sujeito, influenciado por toda a massa midiática, passa a querer os aparatos de última tecnologia, que por meio do uso tornam-se essenciais para a satisfação do mesmo. O trabalhador torna-se escravo de seu trabalho, e o sistema de produção acaba por tornar aquele uma mercadoria. Há inversões de papéis, considerando que o trabalho deveria existir para a satisfação do homem, o sistema faz com que o ele seja o fim em si mesmo, sendo a produção e maximização do capital o objetivo (LUNA; BAPTISTA, 2011).

Essa face do trabalho se modifica quando o mesmo se mostra significativo para quem o faz, quando o trabalhador tem a consciência crítica de sua atividade, se reconhecendo no produto que por ele é gerado (LUNA; BAPTISTA, 2011). Quando esse processo acontece o trabalho se torna prazeroso, podendo modificar a sociedade em que está inserido, melhorando ou fazendo sua manutenção.

É relevante para este estudo entender o conceito de identidade ocupacional como uma noção mutável, resultante de interações com o mundo, com pessoas, valores, atividades, com o desenvolvimento histórico-social desde o nascimento e que se relaciona com o esquema corporal (TEODORO, 2005, p. 8).

Assim como na identidade, individual e social, Teodoro (2005) traz para conceituação do termo identidade profissional a ideia de mutabilidade. Ela não é algo estanque, que não se modifica ao decorrer da via humana. De acordo com o contexto sócio-histórico vivido pelo sujeito, ele pode assumir mais de uma identidade profissional, assim como pode ser modificada, fazendo o mesmo assumir outras identidades e papéis.

Fazendo e colaborando com a ideia acima, Dubar (1997) mostra que a construção da identidade profissional se faz na relação entre dois movimentos. O primeiro é da continuidade, nesse o sujeito segue em um espaço de carreira, sendo o sistema profissional segue em percurso contínuo de competência e sucessão, exigindo qualificação e reconhecimento de seus atributos para que o sujeito possa validar a sua imagem.

Já quando a identidade profissional se constitui no modo de ruptura, atua no contrário, expondo a dualidade entre as crenças pessoais e as aspirações profissionais. No entanto, essa contrariedade traz novas possibilidades, podendo ocasionar no surgimento de uma nova identidade profissional. Essa dinâmica surge no decorrer da atividade, caso haja o

reconhecimento de suas competências e qualificações nos grupos significativos para o sujeito, então houve o reconhecimento social e o mesmo pode se manter na atividade profissional. Caso ocorra o contrário, ou seja, não haja o reconhecimento social do trabalho que desenvolve, há um desacordo, e assim o sujeito passa a buscar outra opção.

Como vemos, o profissional necessita não só de formação acadêmica para construir sua identidade profissional, é necessário experiência e reconhecimento social para que sigam a carreira. A aprovação da sociedade é muito importante, e assim como para a identidade individual, a identidade profissional se faz em parte da visão do outro, acrescentada de sua formação e atuando em conjunto com suas singularidade. A profissão torna-se mais que uma simples atividade desenvolvida, ela é uma forma de vida.

Através da análise da trajetória do curso de pedagogia no Brasil, percebe-se a formação da identidade profissional do pedagogo. Nesse sentido, buscaremos no próximo capítulo, por meio da história da Pedagogia no Brasil, compreender a constituição profissional do pedagogo.

2. A HISTÓRIA DO CURSO DE PEDAGOGIA NO BRASIL

A partir de reflexões feitas sobre a trajetória histórica do curso de pedagogia no Brasil, verificamos que a identidade desse profissional está atrelada ao processo de constituição do curso, que já se inicia de forma turbulenta e com várias contradições em suas definições.

O próprio termo “pedagogia” é usado no país de forma confusa, de acordo com Saviani (2008) essa expressão é introduzida aqui em 1826 e confunde-se primeiramente com o sinônimo de “instrução pública” ou ainda “escolas de primeiras letras”. Depois, já em 1879, aparece como uma atividade prática, mas ainda não carrega consigo o significado de teoria da educação.

O espaço acadêmico da educação, e conseqüentemente da pedagogia, começa a ser delineado quando em 1931, o então decreto nº 19.851/31, que trata sobre o Estatuto das Universidades Brasileiras, prevê entre os cursos necessários para constituir as universidades do Brasil o curso de educação, ciências e letras (SAVIANI, 2008, p.19). Esse documento é importante, pois mostra que as autoridades da época já reconheciam a importância desse elemento para o desenvolvimento do país, sendo que o curso de educação se apresenta ao lado de cursos tradicionais, como medicina e direito.

Como idealizou o ministro Francisco Campos, autor do decreto nº 19.851/31, o curso de educação se instituiria na forma de instituto e se dedicaria à formação de professores, principalmente do ensino normal e secundário. O currículo desse curso se organizaria de acordo com o “sistema eletivo”, que permite ao aluno aprofundar-se em algum assunto conforme suas necessidades, além disso, os estudos abarcariam todas as matérias do ensino secundário. Porém, como o decreto não determinava a obrigatoriedade do curso, e o Colégio Dom Pedro II tinha interesse em integrá-lo, o ministro não concordando com esse processo, por achar que o instituto não possuía “competência” para uma atividade tão complexa, decidiu adiar a solução com relação a criação de um curso de pedagogia (SAVIANI, 2008, p. 24).

2.1 Criação do Curso de Pedagogia

Somente oito anos depois, em 1939, com o decreto 1.190/39 que organiza a Faculdade Nacional de Filosofia, se institui no Brasil, definitivamente, o curso de pedagogia. A estrutura dessa faculdade se deu por meio de sessões, onde pedagogia era uma delas, figurando entre as de filosofia, ciência, letras e ainda a didática que se constitui como uma seção especial.

Todos os cursos da faculdade se organizaram de acordo com o “padrão federal” instituído na época, que se destinava à dupla formação, tendo a de bacharel uma duração de três anos, e a de licenciado, que era composta pelo esquema “3+1”, com acréscimo de um ano de estudo sobre didática. Mais especificamente para os alunos do curso pedagogia, nos três primeiros anos, cursavam disciplinas específicas da área, que consistiam em fundamento e teorias educacionais. Com isso a aquisição do diploma de licenciado era praticamente consequência, pois restavam apenas duas disciplinas a serem cursadas em didática, as demais já constavam em seu currículo de bacharelado (SILVA, 2006, p.12).

Quando se efetua esse processo que diferencia o bacharel e o licenciado de pedagogia, se instala uma dúvida recorrente sobre a identidade do profissional, deixando indefinido a função deste profissional, não se define nem como técnico, nem como professor e ainda mais oculta e confusa a formação acadêmica destes. O campo de trabalho desses futuros pedagogos também não estava certo e definido, mas ao tempo dessa composição imagina-se que dando o título de técnico em educação ao bacharel e professor ao licenciado, a situação se equacionaria. Porém, ao analisar as disciplinas que compunham tais cursos, não fica claro para o quê e qual é o campo que esses profissionais atuariam, já que o currículo traz um aspecto generalista e fragmentado.

O problema se agrava ainda mais para os licenciados, já que a priori seu campo de atuação seria o curso normal, porém não com exclusividade, já que o decreto nº 8.530/46 estabelecia que para lecionar neste curso devesse ter o ensino superior, não fazendo a especificação do curso. Com isso, e já prevendo a escassez de demanda por esse profissional que estava se formando, é dado o direito ao licenciado de pedagogia lecionar filosofia, história e matemática no ensino de nível médio (SAVIANI, 2008, p. 41).

Em 1962, Valnir Chagas com o parecer do Conselho Federal de Educação (CFE) n. 251/62, traz algumas modificações para o currículo de pedagogia, porém não altera concretamente nenhum ponto essencial na estrutura do curso. Ao contrário, expõe nele elementos de fragilidade do curso, salientando a falta de conteúdo próprio e trazendo para reflexão a necessidade ou não desse curso, já que coloca como possibilidade a formação superior de professores de nível primário e ao nível de pós-graduação os especialistas em educação.

Com a introdução desse parecer, o curso passou a ter a duração de quatro anos, incluindo a licenciatura e o bacharelado. Outra mudança foi a fixação de um currículo

mínimo, que formaria técnicos em educação e professores para as disciplinas pedagógicas do curso normal, porém, como expõe Silva (2006, p. 17):

Mas o interessante é apontar que os legisladores tratam a questão do curso de pedagogia começando por onde, muito provavelmente, deveriam ter terminado, ou seja, fixaram um currículo mínimo visando à formação de um profissional ao qual se referem vagamente e sem considerar a existência ou não de um campo de trabalho que o demandasse

2.2.1 Resolução CFE 252/69: novos rumos para o curso de pedagogia

Após o golpe militar de 1964, uma tendência tecnicista tomou conta do sistema de ensino do país. Com isso os cursos superiores foram vistos como fonte de produtividade, tendo que contribuir de alguma maneira para o desenvolvimento nacional, assim o funcionamento dos mesmos se voltaram à necessidade social. Nesse contexto, foi aprovada a lei de Reforma Universitária em 1968, que exprimia as concepções e viés trazidos pela situação política do país.

Logo, o curso de pedagogia sentiria a influência dessa reforma, e isso se tornou mais claro com a apresentação do parecer CFE n. 252/69 do então conselheiro Valnir Chagas, que deu origem à Resolução CFE n. 2/69. Esses documentos trouxeram novos rumos ao curso de pedagogia no Brasil, prevendo não só a formação de professores para escolas normais, como era anteriormente, mas também a constituição de especialistas em educação, que atuariam nas atividades de orientação, administração, supervisão e inspeção nos sistemas escolares (SAVIANI, 2008, p. 45).

A partir dessa Resolução, o curso de pedagogia passa a ser composto por duas partes: uma comum, que corresponde às matérias de conhecimentos básicos e que serão cursadas por todos os alunos, e outra diversificada, que se constitui em função da habilitação escolhida. O título oferecido pelo curso passa a ser, então, somente de licenciado, e apesar de oferecer várias habilitações, o diploma é único.

O Conselho Federal de Educação, por meio desse documento, também veio definir a duração e modalidades que o curso seria oferecido. A primeira modalidade prevê a carga horária mínima de 2.200 horas com duração entre três e sete anos. Essa seria a chamada licenciatura plena, onde os alunos estariam aptos a lecionar no curso normal e também desenvolver atividades pedagógicas no primeiro e segundo graus. A segunda opção seriam atividades de 1.100 horas, que poderiam ser feitas em um ano e meio e quatro anos, e

correspondia a habilitações de administração, supervisão e inspeção escolar no 1º grau, e nesse modelo o curso era chamado de curso de “curta duração” (SAVIANI, 2008, p. 42).

No processo de discussão e reflexão sobre as modificações e o curso de pedagogia em geral, aflora uma questão primordial aos formandos desse curso, que seria o direito de lecionar no magistério. Através de documento publicado pelo Conselho Federal de Educação, eles deixam claro que esse questionamento já estaria respondido, não restando dúvida quanto ao direito a esse campo profissional. Porém, apesar dos aspectos legais conferirem essa garantia, Silva (2006) chama atenção para o aspecto da formação oferecida nos cursos de pedagogia, questionando a base que eles oferecem para enfrentar esse desafio.

A obrigatoriedade do estágio obrigatório correspondendo a 5% de duração do curso é outra mudança introduzida pelo parecer CFE n. 2/69. Além disso, o documento limitou a duas habilitações que poderão ser cursadas simultaneamente, e ainda traz a possibilidade do aluno obter outras habilitações por meio de complementação de estudos, em que, como já falado, serão acumuladas em um só diploma (SAVIANI, 2008, p. 49).

Apenas nessas considerações feitas a respeito dos documentos originados por Chagas, verificamos que o curso de pedagogia engloba a formação de diversos profissionais, que atuarão nas mais diversificadas atividades, seja na preparação de professores, ou na própria escola. O caráter generalista e fragmentado que o curso já possuía em sua concepção, é reforçado. O pedagogo é um múltiplo profissional, com responsabilidades complexas e uma formação que parece não dar conta das tarefas então determinadas e ele, e para agravar a situação mais uma responsabilidade e possibilidade lhe é conferida: o magistério.

Sendo assim, como expõe Saviani (2008, p.50): “O resultado foi uma descaracterização e um esvaziamento ainda maior do curso, em que pese a lógica bem articulada e, de certo modo, convincente da argumentação desenvolvida no parecer”. Ao que parece, superestimam a função do pedagogo, e com a possibilidade de o aluno adquirir inúmeras habilitações ocorre um inchaço, e muito provavelmente, uma limitação quanto à formação efetiva do profissional para atuar em todas as áreas de modo competente.

Outro problema destacado tanto por Silva (2006), quanto por Saviani (2008) é o campo profissional para todos os especialistas e demais formandos desse curso. Ao se fazer a escolha por essa formação fragmentada, buscava-se a resolução desse problema e a suposição seria que as escolas demandassem esses profissionais, porém o constatado é que nem todas eram organizadas da mesma maneira, sendo assim, nem sempre todos os especialistas encontravam espaço para sua atuação. Outro fator que influenciava negativamente esse

aspecto era a possibilidade financeira das instituições de ensino em manter esses profissionais em seu quadro de funcionários.

Como é possível verificar, a resolução do Conselho Federal de Educação pretendia clarificar alguns problemas do curso de pedagogia, porém não conseguiu atingir esse objetivo e trouxe outras questões que ajudaram a encobrir ainda mais a identidade e o futuro dos profissionais.

2.2.2 O momento de lutas pela sociedade civil: novo papel do curso de pedagogia

Entre os anos 1979 e 1998, movimentos estudantis e de pedagogos discutiram com ânimo os problemas referentes ao curso de pedagogia, e até aproximadamente 1990, a identidade desse profissional era o foco de discussão, assumindo que esse era o ponto mais problemático e confuso do curso. Mas ao longo dos anos, os movimentos deixam a questão da identidade do pedagogo de lado e passam a estudar aspectos que envolvem a formação de educadores em geral, não só do curso de pedagogia.

Nesse processo de reflexão sobre o curso, muitos grupos coincidiram com a ideia que o pedagogo é educador, mas não somente ele, como indicava o parecer de Chagas. Os alunos dos demais cursos de licenciatura, segundo eles, também deveriam ser considerados educadores, já que eram professores e trabalhavam com o processo educativo. Outra assertiva que preponderou foi a base docente que o perfil do pedagogo exige (SILVA, 2006, p. 61-75). Apesar de todas as discussões a respeito do pedagogo, nenhum propôs que esse profissional tomasse como campo de atuação a docência nas séries iniciais.

Em 1996, foi aprovada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que ao introduzir alguns indicadores visando a formação de profissionais para a Educação Básica, trouxe o curso de pedagogia e a questão da identidade do pedagogo novamente à pauta das discussões. Em seu artigo 62 indicou os institutos superiores de educação, além das universidades, para se constituírem num dos locais de formação de docentes para atuar na Educação Básica. Já o artigo 63, determinou que a manutenção do curso normal superior - destinado à formação de docentes para a Educação Infantil e para as primeiras séries do Ensino Fundamental - também fosse tarefa dos institutos (SILVA, 2006, p.76-77).

Com essas orientações, surgiram várias indagações a respeito do curso de pedagogia, gerando grande expectativa quanto ao seu futuro. As instituições de ensino superior, em meio a discussão sobre o assunto, ficaram esperando orientações do Conselho Nacional de Educação. E por meio do ofício circular nº 014/98, o Ministério da Educação e Cultura

sinalizou pela manutenção do curso, solicitando que as mesmas enviassem propostas para futura reformulação do curso (SILVA, 2006, p.77).

Apesar do convite feito pelo MEC, poucas instituições enviaram propostas. Com isso, a ANFOPE (Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação) no seu IX Encontro Nacional, em 1998, enviou o documento intitulado de “Proposta de Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Formação dos Profissionais da Educação”. Nessa proposta, a ANFOPE indica como campo de formação dos professores, as universidades e faculdades, entretanto sinaliza que as estruturas das mesmas devem ser repensadas. O objetivo dessa sugestão é que seja solucionado o problema de fragmentação do curso de pedagogia e a diferenciação feita entre o pedagogo e os demais profissionais da educação. A associação ainda propõe que as instituições organizem a estrutura curricular dos seus cursos, observando a “base comum nacional” e considerando a docência como base de identidade dos profissionais que serão formados. Todavia, mesmo com todas as propostas feitas, deixa em aberto a função do curso de pedagogia e as demais considerações a respeito da estrutura dos cursos (SILVA, 2006, p. 79-80).

Outro importante ator na discussão de reformulação do curso de pedagogia é o Grupo de Trabalho sobre pedagogia, que também em 1998, como resultado do V Congresso Estadual Paulista, traz um relatório que deve ser considerado aqui. O documento faz um interessante debate com relação a função do curso de pedagogia, e sua proposta é que o curso deveria ser o lócus de formação dos professores da educação infantil e séries iniciais, colocando também outras atividades pedagógicas, inclusive em espaços não-escolares, como possibilidade de atuação do pedagogo. E, assim como a ANFOPE, coloca a atividade docente como base de sua identidade profissional (SILVA, 2006, p. 81).

Assim, com base nas propostas e encaminhamentos de instituições e grupos que discutiram o futuro do curso de pedagogia, em 1999, a Comissão de Especialista de Ensino de Pedagogia do Ministério da Educação, elabora a “Proposta de diretrizes Curriculares”. Nesse documento é definido assim o perfil do pedagogo:

Profissional habilitado a atuar no ensino, na organização e gestão de sistemas, unidades e projetos educacionais e na produção e difusão do conhecimento, em diversas áreas da educação, tendo a docência como base obrigatória de sua formação e identidades profissionais (BRASIL, ministério da Educação, Secretaria de Educação Superior, Comissão de Especialistas de Ensino de Pedagogia apud SAVIANI, 2008, p 82).

Apesar desse perfil definido pelo MEC, em 1999, o decreto presidencial n. 3.276, traz um grande problema para os profissionais e estudantes do curso de pedagogia. Em seu texto, determina que a formação de professores para atuar na educação básica seja feita somente nos cursos normais superiores. Sendo assim, o curso de pedagogia formaria quaisquer outros profissionais, mas não o professor (SILVA, 2006, p. 84-85).

Devido ao impacto e grande manifestação nacional, outro decreto fez a modificação do documento, alterando a palavra “exclusivamente” para “preferencialmente.” Mesmo com essa medida os manifestantes não ficam satisfeitos, e com isso o Conselho Nacional de Educação aprova alguns pareceres relativos a prática profissional do pedagogo a fim de decidir provisoriamente a questão.

Após de todas as medidas, alterações e discussões feitas a respeito do curso de pedagogia, em 2006 é aprovado, o parecer CNE/CP n. 5/2005, que dá origem à resolução CNE/CP n. 1/2006, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso. Em seu texto diversas modificações foram feitas, muitas delas vigorando até os dias atuais.

No parecer o curso, então, passa a destinar-se à formação de professores da educação básica para função de magistério na educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental, no ensino médio, modalidade normal e na educação profissional como apoio e em outras áreas em que sejam necessários os conhecimentos pedagógicos. Ficam extinta as habilitações, e as áreas que eram dadas a elas são englobadas pela docência.

A organização do currículo do curso seria constituída de um núcleo de estudos básicos, o qual se destina aos estudos gerais sobre o processo educativo e as demais matérias fundamentais à docência. O núcleo de aprofundamento e diversificações de estudos, que tratará especialmente do viés profissional defendido pelo projeto político pedagógico da instituição de ensino. E por fim, teria um núcleo de estudos integradores, que seria uma complementação, que proporcionaria um “enriquecimento” ao aluno e seu currículo.

Apesar dessa delimitação para a estrutura do curso, os temas que irão embasar mais substancialmente o trabalho do pedagogo, que corresponde ao núcleo de estudos básicos, não são suficientes para dotar o professor dos conhecimentos necessários a sua profissão. E em relação a isso, Saviani (2008) corrobora, afirmando que esta parte é restrita, não definindo claramente a pedagogia e sua dimensão teórico-prático.

A carga horária do curso também sofre mudanças, passando a ter no mínimo 3.200 horas, distribuídas entre atividades formativas, atividades teórico-práticas e estágio supervisionado, sendo que este passa a ser responsável por 300 horas de atividades que

deverão ser desenvolvidas na educação infantil, séries iniciais do ensino fundamentais, entre outras.

A resolução dá uma definição mais clara ao curso, delimitando sua função e o profissional que pretende formar, porém essa diminui o pedagogo basicamente ao docente. Concordo que a base deste deve ser a docência, mas esse profissional desenvolve outras tarefas, tão complexas quanto a do professor e creio que isso se dá, especialmente pela falta de “(...)fundamentação teórica, de imprecisões conceituais, de desconsideração dos vários âmbitos de atuação científica e profissional do campo educacional” (FRANCO, LIBÂNEO & PIMENTA, 2007 apud SAVIANI, 2008, p.69)

Outra situação imposta ao curso com as novas diretrizes, e destacada por Saviani (2008), é a falta de homogeneidade que o curso pode enfrentar. Apesar das orientações, deixa muito espaço para instituições, colocando-as como principal ator nessa mudança. Isto pode ser um problema quando as mesmas não sabem como sistematizar os seus currículos, podendo deixar a formação defasada e insuficiente.

Embora tenha a resolução ter recebido muitas críticas, creio que ela ajudou a entender e definiu alguns aspectos do curso que necessitavam de alguma orientação. A função do curso e a identidade dos futuros dos profissionais estão delimitadas, e ainda que restrita, dão uma significação e uma causa de existência a eles. Muitas conquistas no campo profissional e também no acadêmico devem ser feitas, mas não podemos dizer que há ainda a dúvida quanto a necessidade do curso.

Nessa retrospectiva do curso de pedagogia, pode-se identificar vários elementos que contribuirão para sua constituição atual. Fica confusa a identidade do pedagogo, pois a constituição desse conceito sinaliza para várias identidades e profissionais, não encerra ainda essa problemática presente no curso. O profissional atuante deve ter seu papel bem definido, tendo o conhecimento de sua trajetória, e o principal, ter clareza de sua identidade, e com isso verificar como deve atuar em cada campo e área que o necessite. Ainda que, neste breve estudo possamos ter uma vaga ideia do que é ser pedagogo, podemos questionar o seguinte: os pedagogos em atuação sabem quem são? Como será que se definem? E é por esse caminho que o trabalho segue, buscando responder essas perguntas, verificando se o pedagogo que está em atuação consegue responder a tão complexas interrogações.

3. IDENTIDADE PROFISSIONAL DO PEDAGOGO: PERSPECTIVAS DOS PROFISSIONAIS EM ATUAÇÃO

Ao iniciar o curso de pedagogia alguns estudantes ainda não sabem com clareza o que significa essa palavra – pedagogia -, diferente de outras profissões e pela história do curso de Pedagogia no Brasil, o papel e a identidade do profissional do pedagogo parece permanecer confusa, às vezes antagônica ou com definições embrenhadas de senso comum, que pouco refletem a trajetória e a luta identitária do pedagogo.

A temática de pesquisa que será analisada neste capítulo foi realizada pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Formação e Atuação de professores / pedagogos – GEPFAPe no ano de 2011. Esse grupo formou-se ainda no ano de 2010, com o intuito de pesquisar e aprofundar conhecimentos sobre a formação e atuação do pedagogo nos mais diversos espaços, investigando as dificuldades e processos pelo qual o profissional e seu curso vêm passando. Suas pesquisas procuram fazer uma relação entre a formação atual, as políticas públicas existentes nessa área e a atuação do pedagogo.

Inicialmente o GEPFAPe era constituído pela professora que o criou e por um grupo de alunos do curso de graduação de pedagogia da Universidade de Brasília. Atualmente o grupo é cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil da Plataforma Lattes do CNPq, sendo certificado pela instituição e participam do grupo professores e alunos da graduação e pós-graduação da Universidade de Brasília, docentes de universidades de outros estados como Goiás e pessoas que atuam no serviço público. Os integrantes se reúnem em reuniões mensais e quinzenais, sendo as mensais com todo o grupo de estudos, e as quinzenais com os estudantes de graduação, já que a atividade do grupo é um projeto disciplinar oferecido na grade curricular do curso de Pedagogia da UnB.

A pesquisa que foi analisada aqui foi elaborada pelo grupo no ano de 2010, feita com o objetivo de mapear e compreender os aspectos constituintes da atuação e formação de pedagogos no Distrito Federal. Para isso foi utilizado como instrumento de pesquisa o questionário, que ao todo é composto por 42 questões, divididas em quatro blocos tratando do perfil, formação e currículo, atuação profissional, políticas públicas e carreira.

Já no primeiro semestre de 2011, foram feitas as aplicações dos questionários pilotos, diretamente ou por meio do programa “Encuesta fácil”³, que é autoaplicável. Com essa prévia, os instrumentos foram aperfeiçoados e finalizados para a aplicação da pesquisa.

Na fase inicial da pesquisa, cada integrante do GEPFAPe deveria aplicar dez questionários para pedagogos que atuassem em ambiente não-escolar, sendo que cada um ficou responsável por uma área geográfica para realizar a atividade. Dividida da mesma forma, iniciou-se a aplicação dos instrumentos em ambiente escolar, porém cada membro do grupo ficou responsável por ministrar a aplicação de quinze questionários. Com isso, ao todo foram aplicados 181 questionários, abrangendo as mais diversas áreas que é possível encontrar um pedagogo em atuação.

Após a fase de aplicação, a análise foi feita por partes, sendo que os grupos de alunos de graduação da Universidade de Brasília, que participam do GEPFAPe, separaram-se em duplas para produzir artigos sobre algum tema presente no questionário. Nesta atividade elaborei um artigo sobre as questões do bloco de perguntas sobre a formação e currículo, porém fiquei intrigada com a última pergunta do questionário que tratava de um tema bastante complexo, que seria a identidade do pedagogo.

Esse tema é algo obscuro para os egressos do curso de pedagogia. Ao iniciar a graduação poucos sabem definir precisamente o que é pedagogia, e qual o papel do pedagogo na sociedade. As respostas geralmente são fruto de concepções do senso comum, muitas vezes equivocadas. Costumam associar o pedagogo ao professor de criança, pessoas que fazem murais, animador, entre outras.

Dentre os muitos papéis que esse profissional desempenha a figura de condutor de crianças sempre esteve presente, já na Grécia antiga, ele desempenhava um importante papel na educação e formação desses sujeitos. De acordo com Brandão (2006, p. 42 - 43):

De todos estes estudos transmissores de saber vale a pena falar do pedagogo. Pequenas estatuetas de terracota guardam a memória dele. Artistas gregos representaram esses velhos escravos – quase sempre cativos estrangeiros – conduzindo crianças a caminho da escola de primeiras letras. E por que eles e não os mestres que nas escolas ensinavam? Porque os escravos pedagogos – condutores de crianças – eram afinal seus educadores, muito mais do que os mestres-escola. Eles conviviam com a criança e o adolescente e, mais do que os pais, faziam a educação dos preceitos e das crenças da cultura da pólis. O pedagogo era o educador por cujas mãos a criança grega atravessava os anos a caminho da escola, por caminhos da vida.

³Programa que permite realizar pesquisa autoaplicável.

Como vemos, a presença e existência do pedagogo é antiga. No Brasil, a formação desse profissional é relativamente recente e está ainda em discussão. Podemos constatar no capítulo anterior, que a identidade desse profissional ainda não foi totalmente definida e se encontra em discussão.

Todo o debate e análise dessa problemática sucinta a vontade de saber se os profissionais já em atuação sabem se definir, e se conseguem definir o que constitui sua identidade profissional. É compreensível a confusão dos estudantes do curso de pedagogia, mas resta ainda a dúvida se ao longo do curso, o acadêmico vai descobrindo e relevando a identidade de um profissional complexo e inacabado.

Como o foco deste trabalho é discutir a identidade do pedagogo será analisada aqui uma pergunta da pesquisa realizada pelo GEPFAPE. Ela é a única questão totalmente discursiva e o respondente deve completar a seguinte frase: “Ser pedagogo(a) é...”.

Por meio dessa análise vamos observar como o próprio pedagogo se define, discutindo e investigando as identidades postas por eles.

3.1 Pedagogo em atuação: identidades formadas

Atualmente a atuação do pedagogo é ampla. Segundo Libâneo (1998, p.58) nossa sociedade está repleta de práticas pedagógicas, que quando intencionais revelam a ação pedagógica. Sendo assim, esse profissional deve estar pronto para atuar nas mais diversas instituições e espaços educativos, estamos na era da “sociedade pedagógica” (BEILLEROT, apud LIBÂNEO 1998, p. 58) que solicita a atuação consciente e preparada do pedagogo.

Durante a trajetória histórica do curso de pedagogia, a identidade do pedagogo vai se delineando e como já vimos, ainda está inacabada. Esse aspecto já foi e continua sendo amplamente discutido tanto pelos profissionais, quanto pelos estudantes do curso, porém ainda não se chegou a uma definição clara e precisa. Dentre a sua constituição, temos a presença do técnico em educação, professor do ensino normal, das séries iniciais do ensino fundamental, das disciplinas pedagógicas, do orientador, administrador, supervisor, entre outras já discutidas.

A atual resolução que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia revela em seu texto as áreas de atuação dos profissionais formados no curso de pedagogia, em seu Artigo 4º deixa bem claro que a base da identidade desse

profissional é a docência, principalmente do ensino infantil e das séries iniciais do ensino fundamental, entretanto completa:

Parágrafo único. As atividades docentes também compreendem participação na organização e gestão de sistemas e instituições de ensino, englobando:

I - planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de tarefas próprias do setor da Educação;

II - planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de projetos e experiências educativas não-escolares;

III - produção e difusão do conhecimento científico-tecnológico do campo educacional, em contextos escolares e não-escolares (BRASIL, MEC, 2006, P. 2).

Como vimos, esse profissional é habilitado a atuar em espaços escolares e não-escolares, trabalhando não só com docência, mas com o processo educativo em sentido amplo. Vai se delineando assim a identidade profissional, contudo as dúvidas e a problemática da identidade ainda não foram totalmente sanadas.

Libâneo (1998, p. 52) define o pedagogo como o “(...) profissional que lida com fatos, estruturas, contextos, situações, referentes à prática educativa em suas várias modalidades e manifestações” tendo como base de sua identidade profissional a ação pedagógica.

Já para a ANFOPE, o pedagogo é aquele que atua na educação básica, trabalhando diretamente com a formação humana e tendo como base a docência, produzindo e organizando o trabalho pedagógico escolar e não escolar. O curso de pedagogia então trataria de formar “(...) pedagogo, profissional da educação que entende do fenômeno educativo de maneira profunda, e que poderá atuar também para além da docência em outros espaços e funções educativas (2004, p. 25)”.

Tendo em vista a multiplicidade de papéis desempenhadas pelo pedagogo e sua identidade profissional confusa, para a análise da pesquisa do GEPFAPE, com base nas respostas dadas a pergunta que será analisada, criamos categorias para que seja feita uma melhor análise das respostas.

A teoria gera a categoria de análise ou a categoria de registro. Na primeira as categorias são concebidas pela teoria adotada pelo pesquisador e necessita de um empenho maior na categorização e tratamento dos dados. Já no segundo tipo de categorização, os registros fazem a representação de fatos registrados, tendo um mínimo de interpretação exigida. Entretanto cabe explicar aqui que a categorização abordada neste trabalho, não foi feita a priori, ou seja, elas foram surgindo a partir das leituras das respostas que fomos agrupando em torno de categorias analíticas que melhor explicassem a identidade.

Tabela 1 – Ser pedagogo(a) é

<i>Categorias</i>	<i>Quantidade</i>	<i>Porcentagem</i>
Não responderam	5	3%
Evasivas	11	7%
Missionário	27	17%
Agente transformador	28	17%
Profissional da Educação	15	9%
Mediador de conhecimento	12	8%
Formador de sujeito/educador	40	25%
Ensinar e aprender: ser professor	16	10%
Especialista em educação	7	4%
Total	161	100%

Fonte: GEPEFAPE, questionário de pesquisa, 2010/2011

Antes de iniciarmos a apresentação das categorias de forma individualizadas, iremos aqui tratar da pesquisa de uma forma mais geral. Ao total foram formadas seis categorias que expressam as principais dimensões apontadas pelos respondentes. Dois grupos de respostas foram classificados de forma diferenciada, sendo um agrupando os que nada responderam e outro que abarca as respostas que não permitiam uma classificação, pois não tratavam do ser pedagogo em si, mas davam respostas evasivas.

Como é possível verificar, a quantidade de pessoas que não souberam responder foi pequena, apenas 3% não escreveram nada para tentar delinear sua identidade profissional. Apesar disso, as respostas evasivas correspondem a 7% superando a categoria de Especialista da educação que obteve apenas 7 respostas, correspondendo assim a porcentagem mais baixa entre as categorias.

Assim como traçado na análise histórica foi preciso sete categorias para adequar todas as respostas, como vemos e podemos afirmar, a identidade do pedagogo ainda é confusa, e sua atividade compreende uma multiplicidade de desdobramentos, como resultado, temos essa variedade de identidades postas pelos profissionais já em atuação.

A categoria que agrupou mais resposta foi a de formador/educador de sujeito, seguida pela de agente transformador e missionário. Juntas, essas três categorias, correspondem a quase 60% das respostas e englobam parte das atividades desempenhadas pelo pedagogo.

Ao contrário da minha suposição inicial, a categoria que comporta genuinamente o pedagogo como professor, tem apenas 10% das respostas. Fato estranho já que a maioria das vagas ofertadas é para atuação docente dentro da escola.

A separação das categorias, professor e educador se deu devido o campo de atuação. A atuação como professor foi considerada a atividade docente dentro da escola, em seu âmbito que é a educação infantil, séries iniciais do ensino fundamental e Educação de Jovens e Adultos, primeiro segmento. Quando falo de educador, me refiro aos profissionais que de alguma forma contribuem para a formação humana, por isso essa categoria foi alocada junto com a de formador de sujeitos. O pedagogo pode atuar como formador e educador, em vários ambientes e modalidades, trazendo conhecimentos das mais diversas áreas de formação, ao contrário da categoria anterior, que como citado, refere-se somente a atividade docente escolar.

Na categoria de especialista em educação, representa a porcentagem mais baixa, mesmo sendo um campo bem amplo de atuação.

A seguir iremos explicar e exemplificar cada categoria para que fique mais clara e objetiva a leitura deste trabalho.

3.1.1 Missionário

Essa categoria foi criada, com base em alguns respondentes que colocam a profissão de pedagogo como algo vocacional, como uma profissão que supera todos os desafios, de bom grado, com muito amor e dedicação ao que fazem. Para entender melhor o significado de missionário, no dicionário Priberam da Língua Portuguesa diz que ele é “Aquele que foi incumbido de realizar determinada missão” ou “pessoa que prega uma religião, com o intuito de converter à sua fé” ou ainda “pessoa que pretende divulgar uma doutrina ou uma causa”.

Como é possível perceber, ser um pedagogo missionário é o profissional que vê a educação como algo que se deve pregar, ele quer divulgar e ensinar religiosamente os fundamentos da educação, essa prática é uma missão do qual ele foi incumbido.

Tendo como referência essas considerações sobre o que é ser missionário, fica claro que essa categoria declara a profissão do pedagogo como algo “divino”, se enquadram aqui as respostas que tratam a educação e o ser profissional como vocação, dom, como se eles fossem uma missão, que deve ser cumprida a qualquer custo, com muito amor e dedicação pelo que fazem.

Nessa categorização, estão presentes 17% dos respondentes, dentre eles 5 pessoas colocam as palavras vocação e dom, expressamente em suas transcrições. Elas descrevem o ser pedagogo como algo já inato, concebido juntamente com seu nascimento, vemos que para essas pessoas não é preciso só gostar, mas também ter um dom para exercer a função do pedagogo, herdando as características que lhe são necessárias para tal. Uma respondente fala que para ser pedagogo é preciso:

Gostar e ter dom para a profissão e ter consciência que a cada dia perde espaço para as novas profissões e que dificilmente terá o reconhecimento a altura do trabalho que exerce. Ser pedagogo é ser apaixonado pela educação e um eterno sonhador por um futuro melhor (PEDAGOGO 75, 2011)⁴.

Nessa ela traz o dom como elemento essencial para a construção do profissional, além disso, o problema de valorização também está presente na sua resposta. Já outra respondente descreve: “Ter vocação e compromisso com a profissão. Muito amor e dedicação e ter fé um dia as políticas governamentais nos valorizem com parte de um corpo necessário para um país melhor” (PEDAGOGO 147, 2011).

Como vemos, aqui, é usada a palavra vocação, mas com o mesmo sentido da resposta anterior. Outra questão em comum é perspectiva de valorização do pedagogo, que é polêmica e sempre está sempre em discussões de grupos de estudiosos do assunto e também em círculos políticos. Como vimos no capítulo anterior, o sentimento de reconhecimento é essencial, até mesmo para que o profissional não abandone a carreira e acabe por esvaziá-la, por isso creio que a tantos envolvidos pela melhoria e valorização do pedagogo, não só em âmbito social, mas também financeiro.

Outro aspecto em comum entre as respostas dessa categoria é a presença do amor, esse elemento encontra-se na maioria delas, fazendo-se essencial para prática profissional do pedagogo. A pedagoga número 8 chega a afirmar que é preciso “(...)Amar o que faz, pois sem amor não é possível a construção de conhecimento”.

Creio que o sentimento de amor expresso por esses respondentes é fruto de várias escolhas e dimensões que envolvem trabalho. Reconhecimento, identificação profissional são alguns dos fatores que influenciam na constituição de uma identidade profissional, e por consequência fazem com que o profissional se sinta satisfeito ou não com a profissão que exerce.

⁴ Para cada resposta dada pelos participantes que responderam a pesquisa, foi dado uma numeração para identificar a resposta, por isso a identificação Pedagogo 75.

Assim como a conceituação da palavra missionário, as respostas dessas categorias revelam que os pedagogos necessitam de muita dedicação ao que fazem, algumas respostas falam inclusive em dedicação total. Outra palavra usada com o mesmo sentido é doação, como o missionário se doa totalmente as atividades religiosas, a sua missão, aqui alguns pedagogos falam que esse profissional deve doar-se por inteiro, tendo aquilo que faz como sua vida. Para a pedagoga 48, isso é tão presente, que ela define ser pedagogo com uma única palavra: “doação”. Outra chega a revelar que ser pedagogo requer “Entregar-se sem medida. Investir sem certeza de retorno- É entrega total- Dedicção exclusiva” (PEDAGOGA 59, 2011).

Algumas respostas trazem também o abrir mão de si para se dedicar a outrem, quando o sujeito precisar. A luta e o desafio também estão presentes como algo que esse profissional deve lidar, é visto como algo rotineiro da profissão, fazendo parte das atividades que ele desempenha, devido a desvalorização do mesmo.

Está bem claro o que os 17% dos profissionais atuantes pensam em relação a identidade profissional do pedagogo, quando o respondente 98 revela que ser esse profissional é “Quase um sacerdócio”, e o Pedagogo 88 diz que é “Padecer no “paraíso””. Fica evidente o caráter missionário posto por esses profissionais.

3.1.2 Agente transformador

Essa categoria foi criada a fim de abarcar todas as respostas que tenham como ponto principal, a ação transformadora do pedagogo e da educação, assim como as que colocaram para esse profissional e essa área de conhecimento toda a responsabilidade por mudanças sociais, econômicas entre outras. Na história do curso de Pedagogia, as perspectivas de formação do pedagogo numa visão da educação como redentora da sociedade contribuíram para essa identificação.

Bem como a categoria anterior, os pedagogos em atuação que trazem como essencial a função de agente transformador, correspondem a 17% dos respondentes. Para esses, a mudança do país, a busca de um futuro melhor, de uma mudança social, está na educação, e conseqüentemente nas mãos dos pedagogos. Em uma visão mais geral das respostas enquadradas nessa categoria, eles afirmam que o pedagogo tem o papel transformador através

da educação, numa perspectiva redentora do papel da educação. Inclusive, o Pedagogo 135 (2011) define que ser esse profissional é “Ser vetor de desenvolvimento e mudança da história de um país”. Outra resposta que explicita bem essa categoria é a do pedagogo 92 (2011), que define da seguinte maneira o profissional: “Poder ajudar na transformação do indivíduo e assim dos poucos melhorar a sociedade. Poder contribuir na formação dos nossos pequeninos que serão o futuro do nosso país”.

A educação é vista como algo transformador, e através dela as pessoas acreditam que podem mudar tudo, não só o indivíduo. Na graduação, estudam-se vários autores que tratam da educação neste sentido, entre eles Paulo Freire (1983, p.40) traz para reflexão uma prática educativa para liberdade, revelando que “[...] a práxis, porém, é ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo”.

É compreensível então, essa colocação dos pedagogos em atuação como profissional transformador. Essa ideia é tão forte entre esses profissionais, que a Pedagoga 13 (2011) conceitua que ser pedagogo da seguinte forma: “Acreditar que pode fazer milagres com um giz e um quadro negro”.

Apesar das respostas colocarem a cargo do pedagogo toda a responsabilidade por mudanças futuras, eles esquecem que a educação e o pedagogo podem sim auxiliar no desenvolvimento do país, porém essa é uma dimensão a ser tratada, outros aspectos, como a política, a indústria, o investimento, os setores públicos precisam interligar-se para que haja uma mudança efetiva tanto social quanto econômica do Brasil.

Outra questão importante a ser tratada, é que os próprios pedagogos não se recordam que diversos agentes da sociedade são pedagogos em sentido amplo. De acordo com Libâneo:

(...) todos os profissionais que se ocupam de domínios e problemas da prática educativa em suas várias manifestações e modalidades e onde haja um caráter de intencionalidade são, genuinamente, pedagogos: pais, professores, supervisores de trabalho, agentes dos meios de comunicações, autores de livros, orientadores e guias de turismo, agentes de educação em movimentos sociais etc (LIBÂNEO, 1998, P. 55).

Sendo assim, não está a cargo somente do pedagogo a função de transformação do país, mas sim ele contribui para que a mesma seja feita.

Nesta categoria apenas um pedagogo se mostra consciente do que estamos tratando aqui, ele afirma que “Ser educador, responsável pela transformação social de muitos ao mesmo tempo em que devemos ter consciência de que não somos os redentores do mundo (PEDAGOGO 118, 2011)”.

Com isso, deve-se ter em mente que nem a educação, nem o professor é solução para todos os problemas. O pedagogo pode auxiliar na formação de indivíduos com senso crítico, porém não são os principais agentes nas mudanças sociais. Assim como o professor pode proporcionar uma formação emancipatória, pode também deseducar, quando não desenvolve os valores, nem ajuda o sujeito a revelar a realidade em que vive.

3.1.3 Profissional da Educação

Essa categoria aponta para os respondentes que não viam o pedagogo somente como o professor, mas como um profissional que permeia a educação em vários espaços escolares e não escolares, refletindo a própria trajetória do curso no Brasil. Os que concebem o pedagogo como tal correspondem a apenas 9%, e tratam desse de forma ampla, atuantes nos mais diversos espaços sociais.

Corroborando com essa ideia, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação traz em seu Capítulo VI, a formação dos profissionais da educação, colocando nesse rol, os profissionais que atuam nas diversas modalidades do ensino, a administração, planejamento, orientação e supervisão escolar. É nessa dimensão que o Pedagogo 5 (2011) expressa que ser pedagogo é “Conhecer” as diversas áreas que permeiam a educação (gestão, EJA, infantil...) e ser “curinga” ou seja, dar conta da área que estiver atuando”.

De acordo com Cleide (2009, p. 313) “(...) entendemos os profissionais da educação como os que são preparados, tanto na teoria quanto na prática, para exercer a função de educadores”. Definindo também esse profissional e relacionando sua constituição com a formação da identidade profissional, Vieira diz:

Outro conceito que identifica o profissional de educação é o de profissionalidade. Ele expressa, objetiva e/ou subjetivamente, o compromisso com a educação e, também, com o projeto de sociedade. Não se limita às condições objetivas de trabalho, mas vincula-se à construção da identidade profissional, na sua dimensão intelectual, ética, política e cultural (VIEIRA, 2009, P. 328).

Então, o profissional da educação se ocupa da educação, se preocupa com ela, independentemente se atua no espaço escolar ou não, e ainda vai se constituindo, formando suas características durante a composição da identidade profissional. Ou seja, “Profissional responsável por promover a reflexão, a crítica e a sistematização do processo educativo, bem como produzir conhecimentos no campo educacional” (PEDAGOGO 97, 2011).

3.1.4 Mediador de conhecimento

Os que tomam o pedagogo como mediador de conhecimento correspondem a apenas 8%, a disposição dessa categoria separada da do professor, se dá pelo fato que o mediador de conhecimento não atua só como tal, ele está presente em outras funções sociais e em outros ambientes que não a escola. Fazer a interação entre o sujeito e o conhecimento se torna a principal função desse profissional, a resposta que representa claramente essa categoria é dada pelo Pedagogo 129 (2011), que define esse em apenas duas palavras: “Ser condutor!”. É preciso destacar que na compreensão e na análise essa mediação não caracteriza apenas a ação docente escolar, mas pode ser do pedagogo social e outras funções.

Assim, um pedagogo se define como “Mediador no processo de ensino aprendizagem” (PEDAGOGO 80, 2011), e outro ainda completa a conceituação nesse sentido afirmando que ser pedagogo é “Ser o profissional responsável por intermediar métodos, meios e relações humanas no processo ensino aprendizagem” (PEDAGOGO 122, 2011).

Exercendo esse papel de mediador, o pedagogo pode ajudar trazendo perspectivas novas e constituindo o senso crítico mais aguçado. Segundo Gasparin (2007, p.115) “a mediação implica, portanto, em releitura, reinterpretação e ressignificação do conhecimento”. E fazendo essas atividades, ele traz elementos novos para considerar o conhecimento, atuando como “ponte” no desenvolvimento do sujeito. Assim, é nesse sentido que fala o Pedagogo 119 (2011), declarando que o pedagogo é “Ser elemento de ligação entre os diversos conhecimentos, dando significados a esses conhecimentos”. Parece haver a compreensão metodológica da ação do pedagogo, mas numa referência ampla de sua função como o educador que organiza e articula o trabalho pedagógico entre os educadores, e que está imputada a tarefa contínua de aprofundar estudos sobre as concepções que fundamentam os métodos de ensino na perspectiva da mediação, ou seja, o pedagogo também atua como mediador do trabalho pedagógico, e segundo Libâneo (1998), torna-se personagem

fundamental para o aprimoramento das atividades dos docentes na sala de aula, articulando os conteúdos e a teoria pedagógica. É através desse profissional que há uma visão do todo, analisando os mais diversos aspectos educativos que compõe o espaço para atuar consoante com o contexto em que a instituição está inserida de forma efetiva e dinâmica.

3.1.5 Formador de sujeito/Educador

A visão do pedagogo como formador e educador correspondem a 25% dos respondentes, sendo a maior porcentagem. O profissional aqui é visto como agente que cuida da formação do sujeito, atuando não só na esfera da educação sistematizada, mas também em outras dimensões do indivíduo. Uma das respostas trata do “desenvolvimento global do aluno” (PEDAGOGA 79, 2011), outro já define que o pedagogo é:

Um profissional que sabe lidar com o mundo dos saberes em qualquer lugar que ocorra aprendizagem de modo formal ou informal, visando desenvolver habilidades específicas de desenvolvimento cognitivo, afetivo e emocional em qualquer que seja o seu público alvo (PEDAGOGO 155, 2011).

Para esse profissional é necessário entender o sujeito como o todo, buscando aprender sobre o seu desenvolvimento para então infiltrar-se e desenvolver atividades que proporcione aprimoramento de todas as áreas, contribuindo assim, para uma melhor aprendizagem.

Saviani (1989, p. 59) revela que o que o “(...)educador é precisamente aquele que educa, portanto aquele que realiza, que desenvolve a ação educativa”. E ainda expõe que a nossa necessidade é de profissionais com uma “sólida formação teórica desenvolvida a partir e em função das exigências da ação educativa nas condições brasileiras” (SAVIANI, 1989, P.62). Além disso, o autor afirma que o curso de pedagogia, é o local que deverá formar esse tipo de educador.

Segundo Libâneo (1998), o campo de atuação do pedagogo está se expandindo cada vez mais, em nosso mundo globalizado as práticas educativas ganham cada vez mais amplitude e com isso o processo educativo passa a ser composto por mais agentes e operadores. Essa mudança de paradigma traz novas vertentes para o significado de educador, sendo que este não se resume ao docente, nem o pedagogo se diminui a essa atividade de formação humana. Os educadores passam a ser então, os mais diversos sujeitos, que irão exercer esse papel, dependendo da instância em que estão atuando.

O pedagogo 24 (2011) resume sua atividade e seu ser como alguém que deve “Assumir o compromisso de educar e formar cidadãos”. Porém se deve ficar atento, que não só essa esfera educa, a sociedade, a família, a igreja, os amigos entre outros, exercem um papel muito importante no desenvolvimento do sujeito, nas mais diversas dimensões (cognitiva, afetiva, social etc.). O papel de formador e educador, é apenas um campo de atuação do pedagogo, que lida com a multiplicidade de fatores que compõe o processo educativo. Assim:

Pedagogo é o profissional em atua em várias estâncias da prática educativa, direta ou indiretamente ligadas à organização e os processos de transmissão e assimilação ativa de saberes e modos de ação, tendo em vista objetos de formação humana definidos em sua contextualização histórica (LIBÂNEO, 1998, P. 52).

O profissional de pedagogia não pode tomar para si a total responsabilidade de formação dos sujeitos, pois a educação é algo que está para além das instituições educativas, a LDB já define em seu artigo 1º que:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Então onde quer que o sujeito vá, desempenhando as mais diversas atividades cotidianas, ele está em formação. Tendo a consciência disso, é que o Pedagogo 89 (2011) se define como profissional que “Participar da formação do cidadão (intelectual, emocional, e social)”, ou seja, ele se vê apenas como um dos atores atuantes no processo de formação do sujeito, entendendo que há outros fatores e instâncias que também exercem esse papel, por vezes, mais intensamente que o pedagogo.

Conforme exposto no capítulo II, em 15 de maio de 2006 foi publicada no Diário Oficial da União a Resolução CP-CNE nº. 1/2006 que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Graduação em Pedagogia, propiciando discussões sobre novas demandas de trabalho que possibilitam a atuação desse profissional em diferentes espaços e trazendo uma nova proposta para a formação do pedagogo que rompe com a concepção dicotomizada de formação do pedagogo como professor, que leciona na educação infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental, e do pedagogo como gestor, visto como especialista ou técnico, dividindo a pedagogia em licenciatura e bacharelado com o intuito de unir os dois no desafio de formar um profissional apto a desenvolver inúmeras funções. Diante disso, cabe

repensar o conceito de docência no sentido mais amplo, considerando suas diversas instâncias.

Compreende-se a docência como ação educativa e processo pedagógico metódico e intencional, construído em relações sociais, étnico-raciais e produtivas, as quais influenciam conceitos, princípios e objetivos da Pedagogia, desenvolvendo-se na articulação entre conhecimentos científicos e culturais, valores éticos e estéticos inerentes a processos de aprendizagem, de socialização e de construção do conhecimento, no âmbito do diálogo entre diferentes visões de mundo. (CNE/CES nº.1, Art. 2 inc. 1 2006).

As Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Pedagogia redimensionam a função docente ao entendê-la na sua pluralidade, não restringindo apenas ao espaço escolar, ao processo ensino-aprendizagem, mas compreendendo-a como valiosa experiência que perpassa valores, princípios e contextos político, econômico, social e cultural. Nesse sentido, constrói-se a identidade do novo profissional da pedagogia. As Diretrizes se coadunam, assim, aos novos paradigmas sociais, mostrando que a pedagogia não está restrita apenas ao exercício da docência em sala de aula, e sim à formação de profissionais críticos e reflexivos acerca da sua função social, sendo capaz de criar e recriar, construir e reconstruir conceitos práticos que atendam as necessidades de uma sociedade que se encontra em pleno estágio de metamorfose e evolução.

A expansão do conceito de educação e as novas formas de concebê-la acarretaram o surgimento de novos campos de atuação e, conseqüentemente, a necessidade de profissionais capacitados para atender as múltiplas necessidades da sociedade moderna, caracterizando esta como a era da informação, do conhecimento.

3.1.6 Ensinar e aprender: professor

Nessa categoria classificamos as respostas que expressam genuinamente o pedagogo como professor, expressando em suas transcrições a característica de aprender e ensinar, sendo o profissional que exerce a função docente. Nesta se encaixam apenas 10% dos respondentes, algo um tanto peculiar, já que é a principal atividade do pedagogo atualmente no Brasil.

Estou ciente que a formação do sujeito e a mediação do conhecimento, também fazem parte da atuação do professor, porém nas categorias anteriores essas tarefas foram tidas como

parte essencial e principal na tarefa do pedagogo, além disso não são atividades presentes somente na atuação do docente, mas podem estar no núcleo do trabalho pedagógico exercido pelo pedagogo em outros ambientes e exercendo outras atribuições.

De modo mais geral, é possível observar que ser professor, vem sendo relacionado como atividade que faz diferença na vida do sujeito, contribuindo para sua formação de modo a proporcionar algo melhor, um futuro. Assim é definido o ser pedagogo como alguém que deixa “Se deixar levar pelo prazer de ensinar, de aprender e poder sentir o quanto é possível fazer diferença na vida de alguém” (PEDAGOGO 104, 2011).

Apesar de documentos e diretrizes sobre o curso de pedagogia e educação apontarem como principal tarefa a atividade docente, sabemos que hoje, o pedagogo não só atua como tal. Esse profissional deve compreender o fenômeno educativo em multiplicidade, sendo assim, a escola e a docência como apenas um lugar e uma prática possível dentre os muitos os papéis que ele vêm desempenhando.

Uma resposta em particular dessa categoria, chama a atenção. O Pedagogo 35 (2011) faz a seguinte declaração: “Bom, não atuo como pedagoga, sou mais professora. Toda escola deveria ter um pedagogo bem preparado atuando dentro da escola para contribuir com a necessidade dos professores e alunos”, ou seja, para esse profissional ser pedagogo não inclui a atividade docente. Nesta afirmação podemos concluir que o pedagogo é visto como alguém que articula a prática e a teoria pedagógica, alguém que auxilia os docentes da instituição. Aqui ele seria como o Libâneo (1998, p.59) chama de “especialista da ação educativa”, profissional que opera nas diversas modalidades e níveis de ensino, atuando onde a atividade docente extrapola o conteúdo específico da matéria.

Outra resposta traz um ambiente novo para prática docente, que é a educação à distância, segundo o Pedagogo 27 (2011) é necessário “Atuar com pessoas, presencialmente ou a distância, em busca de um objetivo de ensino/aprendizagem”. Esse é um novo desafio para o professor, que deve buscar formas de atuar e proporcionar o ensino-aprendizagem em uma modalidade de ensino que é peculiar e dinâmica. Revela também que os saberes necessários ao pedagogo e os demais docentes estão em expansão, e solicitam dos profissionais saber além de seus conteúdos específicos, exigem que ele continue em formação, que ele busque novas ferramentas para ajudar no processo educativo. Nesse caso, o domínio da tecnologia é essencial, o professor precisa saber lidar com as ferramentas que o

computador, e a internet oferece para que seja produtivo e eficaz o ensino a distância. De acordo com Libâneo (1998, p.56) o ambiente da prática educativa estendeu-se e com ele os agentes educativos modificaram-se, exigindo esses novos saberes do educador. Com isso, na sua formação não pode ser ignorada outras áreas de conhecimento necessário a sua prática educativa.

3.1.7 Especialista em Educação

Por fim temos a categoria especialista em educação, que procura atender as resposta que definem o pedagogo como um profissional multifacetado, que são estudiosos que entendem da educação como um todo. Domina os aspectos que compõe a prática educativa, independentemente do ambiente que é desenvolvida.

A definição do termo pedagogia, desdobra-se em várias possibilidades, tendo em vista que trata da educação, um campo tão amplo. Alguns autores encaram a pedagogia como ciência da educação, outros não identificam o caráter científico que ela possui e afirmam que é somente a arte de educar, há ainda outra visão, de que ela é a teoria da educação, não admitindo aqui seu caráter prático (SAVIANI, 2008, P.135).

Dentre todas as conceituações e definições possíveis, é possível afirmar que a pedagogia possui um campo específico de conhecimento, ela possui uma linguagem própria, que permite atingir fins e objetivos próprios, e constitui por meio dela conhecimento e prática educativa (GENOVESI apud SAVIANI, 2008, P. 138).

Libâneo (1998) chega a afirmar que o campo de investigação da pedagogia é a prática educativa, que em conjunto com as demais ciências da educação permite o pedagogo a compreensão integral dos problemas educativos. Nesse sentido é que se deu a constituição da categoria, considerando o pedagogo *stricto sensu* como o especialista, que junto com os conhecimentos pedagógicos articula as demais ciências da educação para atuar com “atividades de pesquisa, documentação, formação profissional, educação especial, gestão de sistemas escolares e escolas, coordenação pedagógica, animação sociocultural, formação continuada em empresas, escolas e outras instituições” (LIBÂNEO, 2001, P.11). Tentando abarcar essa diversidade de papéis desempenhados pelos pedagogos, uma das respostas afirma

que ser pedagogo é “Ser planejador, observador, criativo, promotor, estimulador, investigador, envolvente, afetivo, ser pedagogo” (PEDAGOGO 128, 2011).

Para exemplificar as respostas que colocamos nesta categoria trago a do Pedagogo 60 (2011), que explica o ser pedagogo como o “Especialista em educação, produzir e difundir conhecimentos nesta área e saber empregar seus conhecimentos”.

Para Libâneo (2001) é necessário fazer a diferenciação do pedagogo especialista para o profissional docente, pois o trabalho pedagógico requer a atuação desse em vários espaços, e compreende “um leque de práticas educativas”, já a atividade docente corresponde ao trabalho pedagógico em um ambiente peculiar: a escola. Sendo assim, podemos concluir que o pedagogo-especialista é um profissional generalista, que compreende os problemas educativos de uma forma mais ampla. Com isso:

Comprometer-se com a área da educação de modo a proporcionar um processo de ensino aprendizagem de qualidade, assim como atuar em diversos setores onde a questão educativa perpassa: hospitais, empresas, área de meio ambiente... ser pedagogo é estar sempre investindo na sua formação no intuito de se aperfeiçoar e acompanhar o dinamismo próprio da área de educação (PEDAGOGO 38, 2011)

Podemos perceber com essa pesquisa que a identidade do pedagogo se constituiu por uma causa: a de educar o ser humano. Embora contenha facetas e perspectivas ideológicas conservadoras ou emancipadoras o objeto e ou ato de educar acompanha todas as categorias de identidade por nós analisadas. Portanto, o que podemos apreender é que a identidade do pedagogo é forjada, constituída na ação dos sujeitos sociais.

É na interação com o outro que a identidade desse profissional vai se delineando, através dessa relação é que a prática pedagógica acontece, ora atuando como articular, ora como organizador, mas sempre presente nas diversas modalidades e ambientes que permitem a educação.

Conhecer as os vários lados dessas identidades nos permite revelar o pedagogo e por consequência o projeto de formação para a sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática deste trabalho é alvo de muitos questionamentos, e os embates nessa área estão longe de cessar. Desde o início, com a criação do curso de pedagogia no Brasil, foi gerado um caráter polêmico em relação ao curso e também ao profissional que ele formaria.

Não há como negar que a discussão feita durante os últimos anos fez deslanchar algumas conquistas para esse profissional, porém alguns problemas ainda não foram sanados. A desvalorização, salários baixos, pouco reconhecimento e até o julgamento sobre suas competências profissionais são algumas adversidades pela qual o pedagogo passa em seu cotidiano. Por outro lado novas oportunidades surgem a cada dia, a requisição desse profissional em organizações públicas e privadas tem aumentado, assim como a sua atuação na modalidade de ensino a distância, é algo novo que contribui não só gerando novos postos de trabalho para o pedagogo, como também acrescenta características que irão compor sua identidade profissional.

Pude concluir com a confecção deste trabalho que o pedagogo já em atuação vai delineando sua identidade através da experiência, da sua prática. É claro que a estrutura do curso e o conhecimento adquirido em sua formação inicial contribuíram para esse processo, porém com a vivência na área da pedagogia ele vai delineando sua identidade profissional. Essa identidade não é única, e assim como visto na constituição histórica desse profissional e no curso acadêmico, ela se faz algo múltiplo, com várias possibilidades e rotas a seguir.

A identidade profissional posta por eles abarca o professor, o mediador de conhecimento, o especialista, o profissional da educação, o missionário, em fim, revela as várias facetas que o pedagogo pode ter. Traz a tona identidades que estão constituídas e que estão se constituindo, pois hoje, o mundo é dinâmico e as transformações acontecem de forma frenética. Delinear uma identidade não é uma tarefa tão simples como possa parecer. Segundo Bauman (2005, apud Faria, 2013, p. 9), em nossa sociedade pós-moderna, as identidades são fluídas. Mas, ainda assim, o mínimo de delimitação de um perfil é necessário.

A composição do primeiro capítulo foi essencial para a compreensão de como é constituída a identidade, entendo-a como um processo, dinâmico e contínuo, que se inicia com o nascimento e vai se fazendo e desfazendo até os últimos momentos de vida. A interação com a sociedade, com o outro é importante para que o sujeito constitua uma imagem de si mesmo. Somos vários e um, pois hoje, com rápidas transformações, precisamos nos adaptar e vivenciar novas experiências. A identidade é algo múltiplo, onde algumas

características permanecem, outras não, assim nos diferenciamos e nos igualamos na sociedade e no ambiente que vivemos.

A definição do que é identidade profissional fez-me entender que é a partir da sua formação acadêmica, que esta vai se constituindo, é nele que o profissional vai adquirindo características e competências necessárias a exercer sua atividade. Ao longo de seus estudos é que o sujeito vai iniciando sua identificação com a carreira, com a profissão. Esse processo continua a se desenvolver com a experiência, a prática do trabalho, com ele é adquirido o sentimento de pertencimento ao grupo que realiza a mesma atividade. Através disso o pedagogo e outros profissionais, se inserem de forma significativa na sociedade, experimento o reconhecimento, a valorização ou não. Inclusive esse é um dos problemas enfrentados pelos graduados em pedagogia, e pelos professores em geral. A falta desse “ingrediente” tão fundamental na carreira destes profissionais faz com que os jovens, que ainda estão em processo de formação, acabem por se distanciar dessa carreira.

Conhecer a trajetória histórica do curso, me permitiu identificar que o pedagogo, sofre de indefinições desde sua concepção em 1939, seu objeto de trabalho, por ser tão amplo, acabou por constituir para esse profissional e para o curso acadêmico uma identidade confusa. A educação não é somente exercida pelo pedagogo, mas por todo ser e instituição presente na sociedade, porém sua sistematização o seu estudo se dá em âmbito mais restrito. O pedagogo conhece os fundamentos da educação escolar, atuando em diversos ambientes articulando a teoria e a prática pedagógica. Sua atuação não se reduz à docência, entretanto, as discussões apontam que a base de sua identidade seja essa. A sala de aula é um espaço dinâmico, que proporciona as mais ricas experiências para esse profissional, mas Libâneo (1998) alerta que o pedagogo pode vir a ser docente, porém não necessariamente deve ser.

Com a articulação destes conhecimentos, a conclusão que faço é que a identidade do pedagogo ainda não foi delineada. Apesar de saber que ela é composta de mutabilidade e é um processo dinâmico, a configuração de um perfil para esse profissional é necessária. Apesar disso, na pesquisa foi possível verificar, que independentemente da função que ele exerça, ou do espaço que está inserido, há algo que se mostra essencialmente presente: o ato de educar. E para isso é necessária uma formação acadêmica sólida, que dará conta de orientar a prática desse profissional.

PARTE III

PERSPECTIVAS FUTURAS

Quando optei pelo curso de pedagogia, não tinha certeza se era isso que eu queria. Na época gostava de muitas áreas e entre as minhas opções, estava esse curso. Ao longo da minha trajetória acadêmica, pude perceber que minha escolha foi boa, as disciplinas que fui fazendo me mostraram o quanto vasto era o meu campo de atuação, porém pude perceber também que as oportunidades nesses “outros ambientes”, fora a escola, são um tanto restritas.

Infelizmente, durante os dois primeiros anos do curso não fiz estágio na área. Meu primeiro contato com a prática pedagógica foi no estágio obrigatório desenvolvido em uma escola pública, nas séries iniciais. Nessa atividade notei que gostava de estar no ambiente escolar, lidar com alunos e ajudá-los, porém me dei conta também, que ser professor é um tanto complicado, a tarefa posta em suas mãos requer grande responsabilidade e empenho, tanto profissional quanto pessoal.

Veio-me uma oportunidade então de conhecer uma área da pedagogia que me interessava muito: pedagogia em empresa. Cheguei a cursar a disciplina projeto 3 na área, porém não tinha atuado na prática, mas logo que iniciei o estágio me surpreendi. O pedagogo realmente atua em sua área, desenvolvendo ações pedagógicas que contribuem para o treinamento e aperfeiçoamento dos colaboradores. Atuei inclusive, com avaliação e formação de educadores, resumindo, me apaixonei pela área.

Outro campo de atuação que me identifiquei foi o EJA, nele é visível o reconhecimento dos alunos. Dar aulas para jovens e adultos, me fez sentir a pessoa mais importante do mundo, lá pude crer que realmente estava fazendo diferença na vida das pessoas, sem contar com o que nós aprendemos com os alunos, Foi verdadeiramente gratificante estar no Eja.

Tenho como vontade atuar na minha área, mais precisamente em empresas ou com o EJA, dentro do serviço público. Ser pedagogo se mostrou mais do que eu esperava, através dessa profissão sei que posso dar uma pequena parcela de contribuição para a constituição de um futuro melhor para as pessoas. Mas não só ensinar, eu aprendo, acredito que esse profissional se torna mais humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, V. L.; RODRIGUES, R.V; SILVA, L. F. *O que é ser missionário*. Disponível em: <<http://www.catequisar.com.br/texto/materia/especial/missionario/05.htm>>. Acesso em: 03 jul. 2013.

ANFOPE. Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação. Estatuto. Documento Final. XII Encontro Nacional: *Políticas públicas de formação dos profissionais da educação: desafios para as instituições de ensino superior*. Brasília, 2004.

BARBOSA, R.P.; BUENO, E. M.; GOMES, V. F. E. *Reflexões acerca da identidade do pedagogo: universo repleto de encantos e angústias*. 2008. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/208_579.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2013

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo, Brasiliense, 2006.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação, Conselho Pleno. *Parecer CNE/ CP n°. 05*, de 13 de dezembro de 2005. Brasília, 2005.
Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pcp05_05.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2013.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia*, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf> Acesso em: 16/05/2013.

CAMPOS, R. *Identidade profissional*. In: FIDALGO, F.; MACHADO.L. Dicionário da Educação Profissional. Belo Horizonte : Núcleo de Estudos sobre Trabalho, 2000.

CALDAS, M.; WOOD JR., T. *Identidade Organizacional*. Revista de Administração de Empresas, v. 37, n.1, p. 6-17, jan-mar 1997.

CIAMPA, A.C. Identidade. In: W. Codo & S. T. M Lane (Orgs.). *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 58-75.

CLEIDE, F. Organização e valorização dos funcionários: cenário atual e desafios.[2009] Brasília: Retratos da Escola. Entrevista concedida a Luiz Fernandes Dourado.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2010. Disponível em:
<<http://www.priberam.pt/dlpo/>>. Acesso em: 03 jul. 2013.

DUBAR, C. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. Tradução. Anette Pierrette R. Botelho e Estela Pinto R. Lamas. Portugal: Porto editora, 1997.

ERICKSON, E. *Juventude, Identidade e Crise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

FARIA, B. A. Professor ou Especialista? O Pedagogo e a sua Busca Identitária. *Democratizar*, Rio de Janeiro, v 7, n 1, jan./jun.2013. Disponível em:
<<http://www.faetec.rj.gov.br/desup/images/democratizar/v7-n1/democratizar-20131-bruno.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2013

GADOTTI, M. *Concepção dialética da educação*. São Paulo: Autores Associados, 1983.

GASPARIN, João Luiz. *Uma didática para a pedagogia histórico-crítica*. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

JACQUES, M. G. C. Identidade. In: M. N. Strey et al. *Psicologia social contemporânea*, Petrópolis: Vozes, 1998. p. 159-167.

JACQUES, M. G. *Identidade e trabalho*. In: CATTANI, A. D. Trabalho e Tecnologia: Dicionário Crítico. Petrópolis; Porto Alegre : Vozes; Ed. Universitária. 1997.

LAURENTI, C.; BARROS, M. N. F. de; Identidade: questões conceituais e contextuais. *Revista de psicologia social e institucional*, Londrina, v 2, n 1, jun./2000. Disponível em: <<http://www.uel.br/ccb/psicologia/revista/textov2n13.htm>>. Acesso em: 20 mai. 2013.

LIBANEO, José Carlos. PIMENTA, Selma Garrido. *Formação de profissionais da educação: visão crítica e perspectiva de mudança*. *Educação e Sociedade*, 1999, vol.20, n.68, pp. 239-277. ISSN 0101-7330.
Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/es/v20n68/a13v2068.pdf>> Acesso em: 01 jun. 2013

LIBÂNEO, J. C. *Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas*. Educar, Curitiba, n 17, 2001. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/Pedagogia2/apedagogiaepedagogos.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2013.

LIBÂNEO, J. C. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* São Paulo: Cortez, 1998.

LORDA, N. *Conceito de identidade: contextos, traços e pertinências na vida organizacional*. 2011. 184 f. Dissertação (Mestrado em Administração de empresas) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo, São Paulo, 2011.

LUNA, I. N. e BAPTISTA, L. C. *Identidade profissional: prazer e sofrimento no mundo do trabalho*. Psicologia Revista / Faculdade de Psicologia da PUC-SP. São Paulo. Volume 12, n. 1, p. 39-51, maio 2001. Disponível em: <http://psicologogefilho.no.comunidades.net/index.php?pagina=1769648384_09>. Acesso em: 10 jun. 2013.

PAULO, F. *Pedagogia do Oprimido*. 13.ed. Rua de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

SANTOS, B. S. (Org.). *A globalização e as ciências sociais*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SAVIANI, D. *A pedagogia no Brasil: história e teoria*. São Paulo: Autores Associados, 2008.

SAVIANI, Dermeval. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. São Paulo, Cortez, 1989.

SILVA, C. S. B. *Curso de pedagogia no Brasil: História e Identidade*. São Paulo. Autores Associados, 2006.

TEODORO, E. G. *Identidade profissional: perspectiva de alunos dos cursos técnicos do CEFET-PA*. 2005. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT09-1842--Int.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2013.

VIEIRA, J.M.D. Funcionários da educação: o caso do Brasil é singular? Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 3, n. 5, p. 325-337, jul./dez.2009.

ANEXOS

ANEXO 1 – Questionário da pesquisa**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB****FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE****GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA SOBRE FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DE
PROFESSORES E PEDAGOGOS – GEPFAPe**

Caro(a) Pedagogo(a), você está recebendo um questionário. Este instrumento de pesquisa tem como objetivo mapear e compreender os aspectos constituintes da atuação de pedagogos no Distrito Federal.

As informações obtidas nesta pesquisa serão disponibilizadas em banco de dados no grupo de pesquisa e analisadas, num primeiro momento, para este estudo específico. Posteriormente, haverá publicações da análise de dados. Solicitamos a sua colaboração para responder as questões na íntegra e com bastante atenção. As informações fornecidas por você terão o anonimato garantido e serão de fundamental importância para o bom andamento da pesquisa.

Agradecemos sua disponibilidade e nos colocamos à sua disposição para quaisquer esclarecimentos.

GEPFAPe

Orientadora: Kátia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro da Silva

E-mail: katiacurado@unb.br

Fone: 8545-627

I – PERFIL:

1. Idade:

 Até 24 anos. De 46 a 50 anos. De 25 a 35 anos. Mais de 50 anos. De 36 a 45 anos.

2. Sexo:

 Feminino. Masculino.

3. Estado Civil:

- Casado(a). Viúvo(a).
- Divorciado(a). Outro: _____
- Solteiro(a).

4. Número de filhos: _____

5. Identifique sua faixa salarial:

- Até R\$ 1.000,00. De R\$ 2.000,00 a R\$ 3.000,00.
- De R\$ 1.000,00 a R\$ 1.500,00. De R\$ 3.000,00 a R\$ 4.000,00.
- De R\$ 1.500,00 a R\$ 2.000,00. Acima de R\$ 4.000,00.

6. Identifique sua renda familiar mensal:

- De R\$ 1.000,00 a R\$ 1.500,00. De R\$ 3.000,00 a R\$ 4.000,00.
- De R\$ 1.500,00 a R\$ 2.000,00. De R\$ 4.000,00 a R\$ 5.000,00.
- De R\$ 2.000,00 a R\$ 3.000,00. Acima de R\$ 5.000,00.

7. Há quanto tempo reside no Distrito Federal?

- Até 5 anos. De 16 a 20 anos.
- De 6 a 10 anos. Mais de 20 anos.
- De 11 a 15 anos.

8. Indique as atividades culturais das quais participa:

- Assistir a filmes e/ou programas de televisão.
- Ir a concertos e/ou shows.
- Ir a museus e/ou exposições.
- Ir ao cinema.
- Ir ao teatro, espetáculos de dança e/ou circo.
- Leitura de livros, jornais, revistas e outros não relacionados ao trabalho.

- Frequenta bares ou cafés.
- Realiza atividades esportivas.
- Nenhuma.
- Outros: _____
-

II – FORMAÇÃO E CURRÍCULO:

9. Por que escolheu a profissão de pedagogo? Marque até duas (2) alternativas.

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Acessibilidade ao curso. | <input type="checkbox"/> Interesse pessoal pela profissão. |
| <input type="checkbox"/> Falta de opção. | <input type="checkbox"/> Questão financeira. |
| <input type="checkbox"/> Influência da família. | <input type="checkbox"/> Realização pessoal. |
| <input type="checkbox"/> Influência de amigos. | <input type="checkbox"/> Vocação. |
| <input type="checkbox"/> Outro. Qual motivo? _____ | |
-

10. Sobre sua graduação, responda:

Instituição: _____

Habilitação: _____

Modalidade: Presencial À distância

Ano em que se formou: _____

11. Possui graduação em outra área?

Sim. Qual? _____

Não.

12. Deseja fazer outro curso de graduação?

() Sim. Qual? _____

() Não.

13. Caso a resposta acima seja afirmativa, por qual motivo pretende fazer outro curso de graduação?

() Decepção com o campo

() Realização Pessoal.

() Financeiro/Carreira.

() Outro(s). Especifique: _____

() Mudança de Área.

14. Cursou ou cursa algum destes programas de pós-graduação?

() Especialização. Área? _____

() Mestrado. Área? _____

() Doutorado. Área? _____

() Nenhum.

15. A formação inicial obtida para exercício de pedagogo(a) atende a sua demanda de trabalho?

() Não, insuficiente.

() Sim, suficiente.

() Sim, pouco suficiente.

() Sim, muito suficiente.

Justifique a escolha da resposta: _____

16. Em qual(is) dessas áreas percebe que o curso de graduação em Pedagogia precisa de aprofundamento:

() Avaliação.

() Diversidade / multiculturalismo.

() Currículo.

() Docência em Educação Infantil / anos iniciais do Ensino Fundamental.

() Didática.

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Docência em EJA. | <input type="checkbox"/> Planejamento. |
| <input type="checkbox"/> Educação Especial. | <input type="checkbox"/> Políticas públicas. |
| <input type="checkbox"/> Execução e acompanhamento de projetos. | <input type="checkbox"/> Técnicas de ensino. |
| <input type="checkbox"/> Fundamentos da Educação. | <input type="checkbox"/> Nenhuma. |
| <input type="checkbox"/> Gestão. | <input type="checkbox"/> Outra(s). Qual? _____ |
| <input type="checkbox"/> Métodos e conteúdo de ensino. | _____ |
| | _____ |

17. Cite uma disciplina que julga melhor ter contribuído para o exercício da função de pedagogo(a).

18. Percebe a necessidade de alguma disciplina não cursada para o exercício da função?

Sim. Qual(is)? _____

Não.

19. O estágio curricular proporcionou relação teoria / prática?

Sim.

Não.

20. Participou ou participa de grupos de pesquisa e estudos sobre formação de pedagogos/professores?

Sim. Qual(is)? _____

Não.

21. Participou de atividades extracurriculares durante sua graduação?

Sim.

Não.

22. Possui domínio em língua(s) estrangeira(s)?

() Sim. Qual(is)? _____

() Não.

23. Marque a principal motivação para a formação continuada:

() Aprofundamento na área de conhecimento.

() Resolver problemas da prática como pedagogo(a).

() Carreira.

() Outra. Especifique: _____

() Estímulos Salariais.

III – ATUAÇÃO PROFISSIONAL:

24. Especifique sua jornada de trabalho em horas semanais:

() 20 Horas.

() 40 Horas

() 30 Horas.

() Outra. Especifique: _____

25. Você atua em instituição:

() Pública.

() Privada.

26. A instituição na qual você trabalha é:

() Escolar.

() Não escolar.

27. Você tem autonomia para elaboração e execução de atividades inerentes ao trabalho?

() Sim.

() Não.

28. O espaço físico onde você trabalha é adequado à(s) atividade(s) a ser(em) desenvolvida(s)?

() Sim.

() Não.

29. Classifique o seu grau de satisfação para com o seu trabalho:

- () Muito bom. () Ruim.
 () Bom. () Muito ruim.
 () Médio.

30. Classifique o seu grau de satisfação com as atividades que você desenvolve:

- () Muito bom. () Ruim.
 () Bom. () Muito ruim.
 () Médio.

31. Quanto à sua carreira e aspirações profissionais, o que você almeja?

- () Aposentadoria. () Mudança de profissão.
 () Aumento salarial. () Progressão na carreira.
 () Mudança de cargo na profissão. () Outros. Especifique: _____
 () Mudança de local de trabalho. _____

32. Qual(is) é(são) a(s) dificuldade(s) vivenciada(s) para desenvolver as atividades previstas?

- () Cooperação (equipe e/ou liderança). () Nenhuma.
 () Defasagem na formação profissional. () Recursos financeiros.
 () Falta de autonomia () Recursos materiais.
 () Falta de interesse do público alvo. () Tempo.
 () Infraestrutura.
 () Outro(s). Especifique: _____

33. Qual(is) é(são) a(s) vantagem(ns) do seu trabalho?

- () Autonomia. () Realização pessoal.
 () Flexibilidade da carga horária. () Rotina.
 () Oferta do mercado de trabalho. () Salário.
 () Plano de carreira. () Outro(s). Especifique: _____

34. Qual(is) é(são) o(s) aspecto(s) negativo(s) do seu trabalho?

- () Carga horária. () Salário.
 () Desgaste emocional. () Outro(s). Especifique: _____
 () Desgaste físico. _____
 () Relação interpessoal. _____

35. Como você percebe o nível de reconhecimento social em relação ao profissional pedagogo?

- () Muito bom.
 () Bom.
 () Médio.
 () Ruim.
 () Muito ruim.

IV – POLÍTICAS PÚBLICAS E CARREIRA:

36. Possui plano de carreira?

- () Sim. () Não. () Não sei.

37. Já atuou ou atua em:

- () Associações. () Nenhum.
 () Movimentos sociais. () Outros: _____
 () ONGs. _____
 () Sindicatos. _____

38. Caso tenha atuado ou atue em alguma organização citada na questão anterior, percebe a influência na formação e/ou atuação como pedagogo(a)?

- () Sim. () Não.

Justifique: _____

39. Conhece seus direitos trabalhistas?

- Sim. Não.
- Sim, um pouco.

40. Conhece políticas públicas para formação, atuação e valorização de pedagogos?

- Sim. Qual(is)? _____

- Não.

41. É a favor do Conselho Federal de Pedagogia?

- Sim.
- Não.
- Indiferente.
- Não conheço.
- Não tenho opinião formada.

Justifique a escolha da resposta: _____

42. Ser pedagogo(a) é: _____

ANEXO 2 – Respostas transcritas

1 – Sem resposta

2 – Sem resposta

3 – Sem resposta

4 – As experiências não se transplantam, realizam-se.

5 – “Conhecer” as diversas áreas que permeiam a educação (gestão, EJA, infantil...) e ser “curinga”, ou seja, conta da área que estiver atuando. Se dá por meio de muita pesquisa, estudo, força de vontade e esforço.

6 – Sem resposta

7 - a profissão mais fundamental de todas, sem ela, médicos, advogados, engenheiros, e entre outros não existiriam. É ter a profissão mais bela e interessante de todas, mediamos o conhecimento e visualizamos ele na vivência de cada aluno.

8 – A profissão que me realiza.

Abrir mão de algumas “coisas” que outras profissões tem. Amar o que faz, pois sem amor não é possível à construção de conhecimento.

9 – Abrir mão do interesse pessoal pelo bem de todos.

10 – Acreditar na transformação

11 – Acreditar que a educação pode e deve transformar vidas, é abrir novos horizontes aos educandos, é a busca constante pela melhoria na qualidade e funcionalidade da educação.

12 – Acreditar que através da educação podemos um dia melhorar a sociedade em que vivemos.

13 – Acreditar que pode fazer milagres com um giz e um quadro negro.

14 – Acreditar que por meio da educação podemos construir um mundo melhor. É promover construção de espaços educativos e desenvolvimento da autonomia de cada um, na busca pelas diversas aprendizagens necessárias tanto no campo profissional como pessoal.

15 – Ainda estou descobrindo.

16- Ajudar na construção de um país mais justo e solidário através da educação ofertada aos alunos.

17 – Amar a educação.

18 – Amar a educação. Trabalhar para construção de um país menos desigual, oferecer oportunidade de acesso ao conhecimento.

19 – Amar e sofrer...amar a profissão a cada dia, a cada novo encontro, novo curso, a cada descoberta...Sofrer por causa indiferença, sofrer por descobrir que existem pessoas de outras profissões que se acham superiores. Mais amar mais, amar a cada um, para que todos tenham a leveza e a clareza e a fraternidade de um “olhar” mais aguçado, profundo e pleno. Ser pedagogo é viajar nas ideias, tentar trazer para a realidade e é a garantia de saber que a

caminhada é essa mesmo, é só ir dando os primeiros e pequenos passos...Ser pedagogo é um caminhar contínuo em busca da plenitude...

20 – Antes de mais nada ser um idealista, um sonhador. É saber que podemos mudar a história de uma vida, saber que pode fazer a diferença. P.s Se a pessoa escolheu o curso de pedagogia por falta de opção, sem vocação é melhor nem ir em frente, pois os desafios na educação estão a cada ano maiores.

21 – Apesar de não exercer a profissão, acho que ser pedagogo é prerrogativa e não ônus. Somente pessoas com generosidade e disciplina para aprofundar em conhecimentos sociais, educativos, psicológicos e etc. Enfim, é uma bela carreira, holística e que deveria ser muito bem reconhecida.

22 – Aprender com essa “gente miúda” que ensina pelo olhar, pelo sorriso e outros.

Aprender educando.

23 – Aspirar mudanças externas, trabalho de base, para melhoria geral do país.

24 – Assumir o compromisso de educar e formar cidadãos.

25 – Assumir o seu lugar na área que escolheu para trabalhar. É estar sempre buscando algo inovador para um único objetivo, a aprendizagem do aluno.

26 – Atualizar-se constantemente; ser criativo. Flexível.

27 – Atuar com pessoas, presencialmente ou a distância, em busca de um objetivo de ensino/aprendizagem.

28 – Atuar de forma a conseguir um espaço importante na sociedade, com ética, respeito aos outros e contribuir para um aprendizado contínuo e necessário para educação do mundo.

29 – Atuar de forma pró-ativa nas questões relacionadas à educação, propondo, deliberando e atuando, buscando novas formas de aprender, disseminar e multiplicar o conhecimento.

30 – Atuar dentro da realidade da comunidade escolar, seus conhecimentos adquiridos, te flexibilidade e sensibilidade para ouvir e compreender o ser humano.

31 – Atuar eficazmente no processo de ensino e aprendizagem, buscando o bem estar e formação plena dos educadores.

32 – Atuar em educação de forma ampla, investir esforços para concretizar a qualidade de atendimento dos alunos em sala de aula e no ambiente escolar como um todo. E sobretudo lutar por melhores condições na educação. E se forjar protagonista na luta por uma educação de qualidade. Escolhi a profissão certa, só errei o país!

33 – Atuar na emancipação política dos sujeitos “dando-lhes” autonomia e construção coletivamente instrumentos de luta que possam ser utilizados criticamente na sociedade.

34 – Atuar no campo da educação, procurando melhorar em âmbito micro (alunos e sala de aula), e, também, macro a partir de pesquisas e experiências que contribuem para o desenvolvimento do país, que só ocorre com uma educação de qualidade.

35 – Bom, não atuo como pedagoga, sou mais professora. Toda escola deveria ter um pedagogo bem preparado atuando dentro da escola para contribuir com a necessidade dos professores e alunos.

36 – Buscar formas que permitam às pessoas a desenvolver suas habilidades.

Buscar passar em um concurso público.

37 – Buscar trazer as questões rotineiras do trabalho, o olhar sobre os processos educacionais inerentes apostando ser sempre a educação o maior sentido da missão institucional desta escola. Identificar o ser humano por trás de todos os processos de trabalho.

38 – Comprometer-se com a área da educação de modo a proporcionar um processo de ensino aprendizagem de qualidade, assim como atuar em diversos setores onde a questão educativa perpassa: hospitais, empresas, área de meio ambiente...ser pedagogo é estar sempre investindo na sua formação no intuito de se aperfeiçoar e acompanhar o dinamismo próprio da área de educação. Ser pedagogo é agir com persistência diante da falta de reconhecimento social, baixo salário e falta de infraestrutura.

39 – Compromisso com a educação e com o futuro das nossas crianças.

40 – Conhecer a educação como um todo. Atuar de forma a contribuir com a educação de qualidade, sendo corresponsáveis pelo desenvolvimento das habilidades dos educandos.

41 – Conhecer verdadeiramente as diretrizes de seu trabalho pedagógico e exercer com autonomia sua função social no ambiente educacional.

42 – Contribuir com o nosso amanhã de forma mediadora!!! Amar o que faz!!!

43 – Contribuir para a formação de um mundo melhor.

44 – Contribuir para a formação do ser humano.

45 – Contribuir para com a sociedade formando cidadãos conscientes.

46 – Dar o melhor de si em função dos outros.

47 – Difícil de responder...

48 – Doação.

49 – Doar, e ao mesmo tempo, receber diariamente.

50 – Doar. Nossa profissão é um ato de doação diária.

É ajudar na construção do indivíduo, contribuir para sua formação como pessoa, como cidadão.

51- É estar comprometido com a formação dos futuros cidadãos.

52- É mediar o conhecimento, interferir positivamente na vida de vários indivíduos e acima de tudo ser a pessoa que educa através de exemplos e FAZ a transformação de uma sociedade.

- 53- É o ato de ensinar com amor a crianças e procurar nova metodologia para educar as crianças para um futuro melhor. Pedagogo tem que acreditar sempre em uma educação de qualidade.
- 54- Educar, ensinar, gerir, trocar, entre outros.
- 55- Ensinar e ao mesmo tempo aprender, ver o mundo de maneira diferente e valorizar o conhecimento dos outros.
- 56- Ensinar e educar.
- 57- Ensinar.
- 58- Entender a necessidade individual de cada um; respeitar diferenças e proporcionar momentos de prazer na aprendizagem ; apresentar ludicidade e reflexões.
- 59- Entregar-se sem medida. Investir sem certeza de retorno- É entrega total- Dedicção exclusiva.
- 60- Especialista em educação, produzir e difundir conhecimentos nesta área e saber empregar seus conhecimentos.
- 61- Esperança de contribuir para o desenvolvimento da educação no país.
- 62- Está disposto superar desafios.
- 63- Estar em constante busca de conhecimento, não só da área de atuação, mas de aspectos mais abrangentes e diversificados.
- 64- Estar em constante contato com o estudo e buscar maneiras de tornar o aprendizado mais significativo. Estar sobrecarregado.
- 65- Estimular o desenvolvimento e a aprendizagem das pessoas, considerando suas características biopsicossociais , interesse e necessidade; além de estimular a cidadania, criatividade e qualidade de vida.
- 66- Exercitar com amor e profissionalismo o dever que me é dado.
- 67- Expressar seus sentimentos e aperfeiçoamento no conteúdo com os alunos.
- 68- Favorecer a aprendizagem.
- 69- Fazer a diferença em qualquer local onde a aprendizagem e o conhecimento esteja ocorrendo.
- 70- Fomentar o desenvolvimento pessoal e cognitivo, estimular o senso crítico a respeito das coisas que a rodeiam, apresentar soluções técnicas em todos os ambientes os quais ocorram o processo de ensino-aprendizagem, é ter a educação como a sua mais eficiente ferramenta de trabalho.
- 71- Formar pessoas politizadas.
- 72- Gostar de lidar com pessoas compreendendo que o tempo todo estamos formando e sendo formados. É além de tudo encarar a vida como um contínuo processo educativo.

73- Gostar de trabalhar muito.

74- Gostar do que faz. Como diz cora coralina: “feliz é aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”.

75- Gostar e ter dom para a profissão e ter consciência que a cada dia perde espaço para as novas profissões e que dificilmente terá o reconhecimento a altura do trabalho que exerce. Ser pedagogo é ser apaixonado pela educação e um eterno sonhador por um futuro melhor.

76- Gostar, acreditar e amar o próximo. Só assim, pois o reconhecimento é quase nenhum.

77- Gosto da frase do Nelson Mandela: “a educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”. E augusto Cury: “educar é semear com sabedoria e colher com paciência.” É esta a grande tarefa de um pedagogo.

78- Gosto da minha profissão, é uma pena ela não ser valorizada como deveria.

Intermediar o trabalho do professor e orientar as famílias.

79- Lutar contra as diferenças em sala de aula, as desvantagens que a comunidade carente possui, ajudar no desenvolvimento Global do aluno.

80- Mediador no processo de ensino aprendizagem.

81- Mediar conhecimentos, estar atualizado; ser humilde; ter prazer em dar aulas; transforma informações; ensinar, orientar e preparar cidadãos conscientes.

82- Mobilizar as diferentes áreas do conhecimento para promover educação com qualidade, responsabilizando-o pelo pleno desenvolvimento das potencialidades do educando.

83- Modificar o futuro.

84- Muito bom.

85- Não é apenas ser Professora, Mestre, Tia, Coordenadora, Supervisora, Orientadora... é ser responsável pelo futuro de muitas crianças.

86- Não só perceber a educação em todas as interações humanas, como também agir conscientemente em a sistematização.

87- Observar as relações de ensino-aprendizagem no ambiente em que esteja inserido de forma a contribuir par o processo qualitativamente.

88- Padecer no “paraíso”.

89- Participar da formação do cidadão (intelectual, emocional, e social)

90- Pensar nas melhores soluções de aprender para uma determinada área/indivíduo, otimizar o processo de ensino aprendizagem.

91- Pensar todos os dias na dinâmica da sociedade. É pensar na formação dos cidadãos do futuro.

92- Poder ajudar na transformação do indivíduo e assim dos poucos melhorar a sociedade. Poder contribuir na formação dos nossos pequeninos que serão o futuro do nosso país.

- 93- Poder contribuir um pouquinho para melhoria da sociedade.
- 94- Poder participar de forma efetiva do processo de formação do ser humano.
- 95- Prazeroso e fundamental na transformação/ desenvolvimento humano, ou seja, compromisso com a educação do outro. Parabéns pela iniciativa de pesquisar sobre o ser pedagogo.
- 96- Preocupar-se com a formação integral dos alunos.
- 97- Profissional responsável por promover a reflexão, a crítica e a sistematização do processo educativo, bem como produzir conhecimentos no campo educacional.
- 98- Quase um sacerdócio.
- 99- Reconhecer que o ato de aprender e ensinar é diverso e temporal, exige ritmo próprio de todos os envolvidos nesse processo: aprendizagem.
- 100- Refletir e contribuir para o desenvolvimento das propostas oferecidas aos alunos, sendo competente, solidário e tolerante.
- 101- Relacionar o conhecimento teórico, possibilitando uma interação com a prática, pensando nas articulações com os bacharéis que atuam na educação profissional e tecnológica.
- 102- Saber amar a sua profissão!
- 103- Saber lidar com o mundo dos saberes de forma consciente e eficaz.
- 104- Se deixar levar pelo prazer de ensinar, de aprender e poder sentir o quanto é possível fazer diferença na vida de alguém.
- 105- SE MATAR DE ESTUDAR, SE PREOCUPAR COM A EDUCAÇÃO É PENSAR EM VALORIZAÇÃO DO TRABALHO É BATALHAR CONSTANTEMENTE PARA TER RECONHECIMENTO, O QUE CERTAS PROFISSÕES RECENTES JÁ TEM, RESPEITO.
- 106- Se preocupar com a educação.
- 107- Sem resposta.
- 108- Ser agente da transformação. A autonomia do defeito, conforme Paulo Freire, é um vir a ser. O pedagogo facilitador desse processo não dá empoderamento, mas cria ambientes e condições para que o próprio sujeito torne a punhos os caminhos que decide seguir. Ser pedagogo é contribuir com a conscientização do sujeito e a partir disso favorecer o bem estar de “toda” coletividade.
- 109- Ser agente transformador através da educação e sensibilização das pessoas. Obs: Sou professora aposentada da Secretaria de Educação do DF e atuo como tutora no Instituto Ayrton Senna.
- 110- Ser alguém capaz de ler sua realidade escolar e buscar soluções práticas e viáveis dentro do cotidiano escolar.
- 111- Se capaz de dar encaminhamentos fundamentados teoricamente, de forma contextualizada, no tocante á formação de pessoas, em situações eventuais e planejadas.

112- Ser comprometido com a formação e desempenho dos profissionais que deveriam ser a base da formação de uma nação que precisa de educação! Como pilar de desenvolvimento.

113- Ser compromissado com a formação integral do ser humano, agindo com postura de facilitador do processo de aprendizagem propiciando o estabelecimento de um clima positivo e uma relação de laços de confiança entre os membros do grupo. É ser educador compromissado com a formação completa de um cidadão, acreditando na sua potencialidade e propiciando um ambiente salutar, com abertura para inovações e grandes transformações...

114- Ser dedicado, paciente e abrir mão dos muitos finais de semana, pois levamos muito trabalho para casa.

115- Ser dinâmico, responsável, interessado na informação do ser humano de um modo geral e no que está acontecendo no mundo. Ser consciente no seu papel de “educador” na sociedade.

116- Ser educador na perspectiva libertadora do ser humano.

117- Ser educador!

118- Ser educador, responsável pela transformação social de muitos ao mesmo tempo em que devemos ter consciência de que não somos os redentores do mundo.

119- Ser elemento de ligação entre os diversos conhecimentos, dando significados a esses conhecimentos.

120- Ser eu.

121- Ser mais que profissional, é ser alguém que acredita na sociedade, no mundo, na vida. Ser o condutor do conhecimento com o objetivo de levar o aluno a uma aprendizagem visando a formação do educando como sujeito dinâmico no mundo em que vive.

122- Ser o profissional responsável por intermediar métodos, meios e relações humanas no processo ensino aprendizagem.

123- Ser otimista, acreditar e fazer o que você se propõe a colaborar com a educação e com o educando.

124- Ser ousado e corajoso. É estar numa constante busca de conhecimento.

125- Ser pedagoga é acreditar na educação como meio de desenvolvimento da humanidade.

126- Ser pedagogo valente, pois sabemos das dificuldades que temos em nossa profissão do dia-a-dia.

127- Ser persistente, nunca desistir diante dos obstáculos, acreditar na transformação do educando.

128- Ser planejador, observador, criativo, promotor, estimulador, investigador, envolvente, afetivo, ser pedagogo.

129- Ser um condutor!

130- Ser um lutador de ideais. Acreditamos que o entendimento da ciência da educação contribua efetivamente no desenvolvimento do ensino, no desenvolvimento de um povo.

Muitas vezes, nos desgastamos mais na tentativa de provar que a educação é algo inerente, do que fazendo-a. É uma luta contínua defendendo um ensino efetivo baseado em uma prática reflexiva e que faça sentido para ambos.

131- Ser um profissional dinâmico, aberto a novas possibilidades de “fazer” educação. Ser um profissional em constante desenvolvimento, sem “verdades” prontas.

132- Ser uma profissional comprometida com a formação humana sistematizada.

133- Ser valente, pois sabemos das dificuldades que temos em nossa profissão do dia-a-dia. E é claro temos que fazer tudo com muito amor e carinho.

134- Ser vetor de desenvolvimento e mudança da história de um país.

SIMPLISMENTE MARAVILHOSO! É MAIS QUE PROFISSÃO, É VOCAÇÃO!

135- Sonhar com um mundo melhor onde a educação e a cultura sejam o ponto de partida para a construção de um mundo novo.

136- Tentar melhorar a vida de outras pessoas.

137- Ter a melhor profissão.

138- Ter a possibilidade de contribuir para a realização pessoal e profissional dos indivíduos.

139- Ter a responsabilidade de estar trabalhando com vidas que governarão o país. Deve ser bem preparado, pois necessita de desenvolver algumas qualidades, tais como: equilíbrio emocional, paciência, comunicação, criatividade, trabalho em equipe e sobretudo muito amor.

140- Ter amor pelo o que faz.

141- Ter certeza na possibilidade de transformação das pessoas e conseqüentemente da sociedade.

142- Ter compromisso com o futuro da educação.

143- Ter o conhecimento necessário para exercer a função de educador e na formação de uma sociedade melhor.

144- Ter pouco reconhecimento profissional e salarial. Trabalhar muito e ganhar pouco. Trabalhar muito em casa. É uma profissão super importante para o futuro do Brasil e pouco reconhecida.

145- Ter um campo de trabalho e de estudo muito amplos, que requer do profissional uma constante atualização. Normalmente o pedagogo é um profissional que não costuma ser muito visto, sendo assim é pouco valorizado pela sociedade.

146- Ter vocação e compromisso com a profissão. Muito amor e dedicação e ter fé um dia as políticas governamentais nos valorizem com parte de um corpo necessário para um país melhor.

147- TER VOCAÇÃO E QUERER MUITO!

148- Trabalhar muito atualizar sempre, muito amor e dedicação. Trabalhar muito com pouco recurso e reconhecimento.

149- Trabalhar na forma do cidadão.

150- Trabalhar naquilo que se pode fazer de melhor para mim e meu aluno, respeitando seu limite e sua bagagem de vivência.

151- Transformar a educação em algo melhor.

152- Tudo para mim.

153- Um leque de oportunidades desconhecido por muitos e que precise ser divulgado, e pode ser apaixonante, gratificante e compensa financeiramente.

154- Um profissional que sabe lidar com o mundo dos saberes em qualquer lugar que ocorra aprendizagem de modo formal ou informal, visando desenvolver habilidades específicas de desenvolvimento cognitivo, afetivo e emocional em qualquer que seja o seu público alvo.

155- Uma grande responsabilidade com o país e com a cidadania.

156- Uma luta constante. É estar achando que sempre podemos fazer um trabalho melhor. Por um lado é angustiante, por outro é compensador.

157- Uma preparação para a vida.

158- Uma profissão honrada e o fato de ter optado por atuar na área empresarial (Depto. De Treinamento e Universidade Cooperativa) tem sido gratificante.

159- Uma vocação. Acredito que é preciso repensar na valorização dos profissionais da educação para que tenhamos profissionais comprometidos.

160- Vencer desafios constantemente.

161- Viver a arte de ensinar.

162- Vocação...Sinto orgulho em ser pedagoga, sinto me feliz e realizada ao acordar e ter a certeza que encontrarei 24 crianças que olharão para mim com sorriso banguela.

ANEXO 3 – Categorização das respostas

Não respondeu

1 – nada

2 – nada

3 – nada

6 – nada

107- nada

Evasiva

15 – Ainda estou descobrindo.

47 – Difícil de responder...

62- Está disposto superar desafios.

73- Gostar de trabalhar muito.

84- Muito bom.

120- Ser eu.

124- Ser ousado e corajoso. É estar numa constante busca de conhecimento.

138- Ter a melhor profissão.

153- Tudo para mim.

154- Um leque de oportunidades desconhecido por muitos e que precise ser divulgado, e pode ser apaixonante, gratificante e compensa financeiramente.

161- Vencer desafios constantemente.

4- As experiências não se transplantam, realizam-se.

Missionário

8 – A profissão que me realiza.

Abrir mão de algumas “coisas” que outras profissões tem. Amar o que faz, pois sem

9 – Abrir mão do interesse pessoal pelo bem de todos.

46 – Dar o melhor de si em função dos outros.

19– Amar e sofrer...amar a profissão a cada dia, a cada novo encontro, novo curso, a cada descoberta...Sofrer por causa indiferença, sofrer por descobrir que existem pessoas de outras profissões que se acham superiores. Mais amar mais, amar a cada um, para que todos tenham a leveza e a clareza e a fraternidade de um “olhar” mais aguçado, profundo e pleno. Ser pedagogo é viajar nas ideias, tentar trazer para a realidade e é a garantia de saber que a caminhada é essa mesmo, é só ir dando os primeiros e pequenos passos...Ser pedagogo é um caminhar contínuo em busca da plenitude...

20 - Antes de mais nada ser um idealista, um sonhador. É saber que podemos mudar a história de uma vida, saber que pode fazer a diferença. P.s Se a pessoa escolheu o curso de pedagogia por falta de opção, sem vocação é melhor nem ir em frente, pois os desafios na educação estão a cada ano maiores.

75 - Gostar e ter dom para a profissão e ter consciência que a cada dia perde espaço para as novas profissões e que dificilmente terá o reconhecimento a altura do trabalho que exerce. Ser pedagogo é ser apaixonado pela educação e um eterno sonhador por um futuro melhor.

137- Tentar melhorar a vida de outras pessoas.

48 – Doação.

49 – Doar, e ao mesmo tempo, receber diariamente.

59- Entregar-se sem medida. Investir sem certeza de retorno- É entrega total- Dedicção exclusiva.

66- Exercitar com amor e profissionalismo o dever que me é dado.

69- Fazer a diferença em qualquer local onde a aprendizagem e o conhecimento esteja ocorrendo

76- Gostar, acreditar e amar o próximo. Só assim, pois o reconhecimento é quase nenhum.

98- Quase um sacerdote.

126- Ser pedagogo valente, pois sabemos das dificuldades que temos em nossa profissão do dia-a-dia.

133- Ser valente, pois sabemos das dificuldades que temos em nossa profissão do dia-a-dia. E é claro temos que fazer tudo com muito amor e carinho.

141- Ter amor pelo o que faz.

149- Trabalhar muito atualizar sempre, muito amor e dedicação. Trabalhar muito com pouco recurso e reconhecimento.

157- Uma luta constante. É estar achando que sempre podemos fazer um trabalho melhor. Por um lado é angustiante, por outro é compensador.

147- Ter vocação e compromisso com a profissão. Muito amor e dedicação e ter fé um dia as políticas governamentais nos valorizem com parte de um corpo necessário para um país melhor.

148- Ter vocação e querer muito!

160- Uma vocação. Acredito que é preciso repensar na valorização dos profissionais da educação para que tenhamos profissionais comprometidos.

163- Vocação...Sinto orgulho em ser pedagoga, sinto me feliz e realizada ao acordar e ter a certeza que encontrarei 24 crianças que olharão para mim com sorriso banguela.

88- Padecer no “paraíso”.

114- Ser dedicado, paciente e abrir mão dos muitos finais de semana, pois levamos muito trabalho para casa.

102- Saber amar a sua profissão! 6

106- Se preocupar com a educação.

Ser transformador

10 – Acreditar na transformação

11 – Acreditar que a educação pode e deve transformar vidas, é abrir novos horizontes aos educandos, é a busca constante pela melhoria na qualidade e funcionalidade da educação.

12 – Acreditar que através da educação podemos um dia melhorar a sociedade em que vivemos.

13 – Acreditar que pode fazer milagres com um giz e um quadro negro

16- Ajudar na construção de um país mais justo e solidário através da educação ofertada aos alunos.

23 – Aspirar mudanças externas, trabalho de base, para melhoria geral do país.

28 – Atuar de forma a conseguir um espaço importante na sociedade, com ética, respeito aos outros e contribuir para um aprendizado contínuo e necessário para educação do mundo.

34 – Atuar no campo da educação, procurando melhorar em âmbito micro (alunos e sala de aula), e, também, macro a partir de pesquisas e experiências que contribuem para o desenvolvimento do país, que só ocorre com uma educação de qualidade.

43 – Contribuir para a formação de um mundo melhor.

61- Esperança de contribuir para o desenvolvimento da educação no país.

77- Gosto da frase do Nelson Mandela: “a educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”. E Augusto Cury: “educar é semear com sabedoria e colher com paciência.” É esta a grande tarefa de um pedagogo

83- Modificar o futuro

92- Poder ajudar na transformação do indivíduo e assim dos poucos melhorar a sociedade. Poder contribuir na formação dos nossos pequeninos que serão o futuro do nosso país.

109- Ser agente transformador através da educação e sensibilização das pessoas. Obs: Sou professora aposentada da Secretaria de Educação do DF e atuo como tutora no Instituto Ayrton Senna

118- Ser educador, responsável pela transformação social de muitos ao mesmo tempo em que devemos ter consciência de que não somos os redentores do mundo.

125- Ser pedagoga é acreditar na educação como meio de desenvolvimento da humanidade.

127- Ser persistente, nunca desistir diante dos obstáculos, acreditar na transformação do educando.

134- Ser vetor de desenvolvimento e mudança da história de um país.

Simplesmente maravilhoso! É mais que profissão, é vocação!

136- Sonhar com um mundo melhor onde a educação e a cultura sejam o ponto de partida para a construção de um mundo novo.

140- Ter a responsabilidade de estar trabalhando com vidas que governarão o país. Deve ser bem preparado, pois necessita de desenvolver algumas qualidades, tais como: equilíbrio emocional, paciência, comunicação, criatividade, trabalho em equipe e sobretudo muito amor.

142- Ter certeza na possibilidade de transformação das pessoas e conseqüentemente da sociedade.

144- Ter pouco reconhecimento profissional e salarial. Trabalhar muito e ganhar pouco. Trabalhar muito em casa. É uma profissão super importante para o futuro do Brasil e pouco reconhecida.

145- Ter pouco reconhecimento profissional e salarial. Trabalhar muito e ganhar pouco. Trabalhar muito em casa. É uma profissão super importante para o futuro do Brasil e pouco reconhecida.

152- Transformar a educação em algo melhor.

156- Uma grande responsabilidade com o país e com a cidadania.

123- Ser otimista, acreditar e fazer o que você se propõe a colaborar com a educação e com o educando.

Profissional da educação

5 – “conhecer” as diversas áreas que permeiam a educação (gestão, EJA, infantil...) e ser “curinga” ou seja conta da área que estiver atuando. Se dá por meio de muita pesquisa, estudo, força de vontade e esforço.

25 – Assumir o seu lugar na área que escolheu para trabalhar. É estar sempre buscando algo inovador para um único objetivo, a aprendizagem do aluno.

37 – Buscar trazer as questões rotineiras do trabalho, o olhar sobre os processos educacionais inerentes apostando ser sempre a educação o maior sentido da missão institucional desta escola. Identificar o ser humano por trás de todos os processos de trabalho.

86- Não só perceber a educação em todas as interações humanas, como também agir conscientemente em a sistematização.

90- Pensar nas melhores soluções de aprender para uma determinada área/indivíduo, otimizar o processo de ensino aprendizagem.

97- Profissional responsável por promover a reflexão, a crítica e a sistematização do processo educativo, bem como produzir conhecimentos no campo educacional.

101- Relacionar o conhecimento teórico, possibilitando uma interação com a prática, pensando nas articulações com os bacharéis que atuam na educação profissional e tecnológica.

110- Ser alguém capaz de ler sua realidade escolar e buscar soluções práticas e viáveis dentro do cotidiano escolar

26 – Atualizar-se constantemente; ser criativo. Flexível.

30 – Atuar dentro da realidade da comunidade escolar, seus conhecimentos adquiridos, te flexibilidade e sensibilidade para ouvir e compreender o ser humano.

63- Estar em constante busca de conhecimento, não só da área de atuação, mas de aspectos mais abrangentes e diversificados.

100- Refletir e contribuir para o desenvolvimento das propostas oferecidas aos alunos, sendo competente, solidário e tolerante.

103- Saber lidar com o mundo dos saberes de forma consciente e eficaz.

131- Ser um profissional dinâmico, aberto a novas possibilidades de “fazer” educação. Ser um profissional em constante desenvolvimento, sem “verdades” prontas.

159- Uma profissão honrada e o fato de ter optado por atuar na área empresarial (Depto. De Treinamento e Universidade Coporporativa) tem sido gratificante.⁷

Mediador de conhecimento

7 - A profissão mais fundamental de todas, sem ela, médicos, advogados, engenheiros, e entre outros não existiriam. É ter a profissão mais bela e interessante de todas, mediamos o conhecimento e visualizamos ele na vivência de cada aluno.

18 – Amar a educação. Trabalhar para construção de um país menos desigual, oferecer oportunidade de acesso ao conhecimento.

29 – Atuar de forma pró-ativa nas questões relacionadas à educação, propondo, deliberando e atuando, buscando novas formas de aprender, disseminar e multiplicar o conhecimento.

42 – Contribuir com o nosso amanhã de forma mediadora!!! Amar o que faz!!!

52- É mediar o conhecimento, interferir positivamente na vida de vários indivíduos e acima de tudo ser a pessoa que educa através de exemplos e FAZ a transformação de uma sociedade.

78- gosto da minha profissão, é uma pena ela não ser valorizada como deveria.

Intermediar o trabalho do professor e orientar as famílias.

80- Mediador no processo de ensino aprendizagem.

81- Mediar conhecimentos, estar atualizado; ser humilde; ter prazer em dar aulas; transforma informações; ensinar, orientar e preparar cidadãos conscientes.

108- Ser agente da transformação. A autonomia do defeito, conforme Paulo Freire, é um vir a ser. O pedagogo facilitador desse processo não dá empoderamento, mas cria ambientes e condições para que o próprio sujeito torne a punhos os caminhos que decide seguir. Ser pedagogo é contribuir com a conscientização do sujeito e a partir disso favorecer o bem estar de “toda” coletividade.

119- Ser elemento de ligação entre os diversos conhecimentos, dando significados a esses conhecimentos.

122- Ser o profissional responsável por intermediar métodos, meios e relações humanas no processo ensino aprendizagem.

129- Ser um condutor!

Ser um profissional dinâmico, aberto a novas possibilidades de “fazer” educação. Ser um profissional em constante desenvolvimento, sem “verdades” prontas.

Formador de sujeitos/Educador

14 – Acreditar que por meio da educação podemos construir um mundo melhor. É promover construção de espaços educativos e desenvolvimento da autonomia de cada um, na busca pelas diversas aprendizagens necessárias tanto no campo profissional como pessoal.

24 – Assumir o compromisso de educar e formar cidadãos

31 – Atuar eficazmente no processo de ensino e aprendizagem, buscando o bem estar e formação plena dos educadores.

33 – Atuar na emancipação política dos sujeitos “dando-lhes” autonomia e construção coletivamente instrumentos de luta que possam ser utilizados criticamente na sociedade

36 – Buscar formas que permitam às pessoas a desenvolver suas habilidades.

Buscar passar em um concurso público

39 – Compromisso com a educação e com o futuro das nossas crianças.

40 – Conhecer a educação como um todo. Atuar de forma a contribuir com a educação de qualidade, sendo corresponsáveis pelo desenvolvimento das habilidades dos educandos.

44 – Contribuir para a formação do ser humano.

45 – Contribuir para com a sociedade formando cidadãos conscientes.

50 – Doar. Nossa profissão é um ato de doação diária.

É ajudar na construção do indivíduo, contribuir para sua formação como pessoa, como cidadão.

51- É estar comprometido com a formação dos futuros cidadãos

53- É o ato de ensinar com amor a crianças e procurar nova metodologia para educar as crianças para um futuro melhor. Pedagogo tem que acreditar sempre em uma educação de qualidade.

56- Ensinar e educar.

57- Ensinar.

58- Entender a necessidade individual de cada um; respeitar diferenças e proporcionar momentos de prazer na aprendizagem ; apresentar ludicidade e reflexões.

65- Estimular o desenvolvimento e a aprendizagem das pessoas, considerando suas características biopsicossociais , interesse e necessidade; além de estimular a cidadania, criatividade e qualidade de vida.

70- Fomentar o desenvolvimento pessoal e cognitivo, estimular o senso crítico a respeito das coisas que a rodeiam, apresentar soluções técnicas em todos os ambientes os quais ocorram o processo de ensino-aprendizagem, é ter a educação como a sua mais eficiente ferramenta de trabalho.

71- Formar pessoas politizadas

79- Lutar contra as diferenças em sala de aula, as desvantagens que a comunidade carente possui, ajudar no desenvolvimento Global do aluno.

82- Mobilizar as diferentes áreas do conhecimento para promover educação com qualidade, responsabilizando-o pelo pleno desenvolvimento das potencialidades do educando.

85- Não é apenas ser Professora, Mestre, Tia, Coordenadora, Supervisora, Orientadora... é ser responsável pelo futuro de muitas crianças.

89- Participar da formação do cidadão (intelectual, emocional, e social)

91- Pensar todos os dias na dinâmica da sociedade. É pensar na formação dos cidadãos do futuro.

94- Poder participar de forma efetiva do processo de formação do ser humano.

95- Prazeroso e fundamental na transformação/ desenvolvimento humano, ou seja, compromisso com a educação do OUTRO. Parabéns pela iniciativa de pesquisar sobre o ser pedagogo.

96- Preocupar-se com a formação integral dos alunos.

111- Se capaz de dar encaminhamentos fundamentados teoricamente, de forma contextualizada, no tocante á formação de pessoas, em situações eventuais e planejadas.

112- Ser comprometido com a formação e desempenho dos profissionais que deveriam ser a base da formação de uma nação que precisa de educação! Como pilar de desenvolvimento.

113- Ser compromissado com a formação integral do ser humano, agindo com postura de facilitador do processo de aprendizagem propiciando o estabelecimento de um clima positivo e uma relação de laços de confiança entre os membros do grupo. É ser educador compromissado com a formação completa de um cidadão, acreditando na sua potencialidade e propiciando um ambiente salutar, com abertura para inovações e grandes transformações...

115- Ser dinâmico, responsável, interessado na informação do ser humano de um modo geral e no que está acontecendo no mundo. Ser consciente no seu papel de “educador” na sociedade.

116- Ser educador na perspectiva libertadora do ser humano.

117- Ser educador!

121- Ser mais que profissional, é ser alguém que acredita na sociedade, no mundo, na vida. Ser o condutor do conhecimento com o objetivo de levar o aluno a uma aprendizagem visando a formação do educando como sujeito dinâmico no mundo em que vive.

132- Ser uma profissional comprometida com a formação humana sistematizada.

139- Ter a possibilidade de contribuir para a realização pessoal e profissional dos indivíduos.

143- Ter compromisso com o futuro da educação

150- Trabalhar na forma do cidadão.

155- Um profissional que sabe lidar com o mundo dos saberes em qualquer lugar que ocorra aprendizagem de modo formal ou informal, visando desenvolver habilidades específicas de desenvolvimento cognitivo, afetivo e emocional em qualquer que seja o seu público alvo.

158- Uma preparação para a vida.

17 – Amar a educação.

Ensinar e aprender : professor

22 – Aprender com essa “gente miúda” que ensina pelo olhar, pelo sorriso e outros

Aprender educando.

27 – Atuar com pessoas, presencialmente ou a distância, em busca de um objetivo de ensino/aprendizagem.

55- Ensinar e ao mesmo tempo aprender, ver o mundo de maneira diferente e valorizar o conhecimento dos outros.

54- Educar, ensinar, gerir, trocar, entre outros.

68- Favorecer a aprendizagem.

72- Gostar de lidar com pessoas compreendendo que o tempo todo estamos formando e sendo formados. É, além de tudo encarar a vida como um contínuo processo educativo.

74- Gostar do que faz. Como diz cora coralina: “feliz é aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”.

87- Observar as relações de ensino-aprendizagem no ambiente em que esteja inserido de forma a contribuir par o processo qualitativamente.

99- Reconhecer que o ato de aprender e ensinar é diverso e temporal, exige ritmo próprio de todos os envolvidos nesse processo: aprendizagem.

104- Se deixar levar pelo prazer de ensinar, de aprender e poder sentir o quanto é possível fazer diferença na vida de alguém.

151- Trabalhar naquilo que se pode fazer de melhor para mim e meu aluno, respeitando seu limite e sua bagagem de vivência.

32 – Atuar em educação de forma ampla, investir esforços para concretizar a qualidade de atendimento dos alunos em sala de aula e no ambiente escolar como um todo. E sobretudo lutar por melhores condições na educação. E se forjar protagonista na luta por uma educação de qualidade. Escolhi a profissão certa, só errei o país!

35 – Bom, não atuo como pedagoga, sou mais professora. Toda escola deveria ter um pedagogo bem preparado atuando dentro da escola para contribuir com a necessidade dos professores e alunos.

67- Expressar seus sentimentos e aperfeiçoamento no conteúdo com os alunos.

64- Estar em constante contato com o estudo e buscar maneiras de tornar o aprendizado mais significativo. Estar sobrecarregado.

162- Viver a arte de ensinar

Especialista em educação

60- Especialista em educação, produzir e difundir conhecimentos nesta área e saber empregar seus conhecimentos.

130- Ser um lutador de ideais. Acreditamos que o entendimento da ciência da educação contribua efetivamente no desenvolvimento do ensino, no desenvolvimento de um povo. Muitas vezes, nos desgastamos mais na tentativa de provar que a educação é algo inerente, do que fazendo-a. É uma luta contínua defendendo um ensino efetivo baseado em uma prática reflexiva e que faça sentido para ambos.

38 – Comprometer-se com a área da educação de modo a proporcionar um processo de ensino aprendizagem de qualidade, assim como atuar em diversos setores onde a questão educativa perpassa: hospitais, empresas, área de meio ambiente...ser pedagogo é estar sempre investindo na sua formação no intuito de se aperfeiçoar e acompanhar o dinamismo próprio da área de educação. Ser pedagogo é agir com persistência diante da falta de reconhecimento social, baixo salário e falta de infraestrutura.

146- Ter um campo de trabalho e de estudo muito amplos, que requer do profissional uma constante atualização. Normalmente o pedagogo é um profissional que não costuma ser muito visto , sendo assim é pouco valorizado pela sociedade.

41 – Conhecer verdadeiramente as diretrizes de seu trabalho pedagógico e exercer com autonomia sua função social no ambiente educacional.

128- Se planejador, observador, criativo, promotor, estimulador, investigador, envolvente, afetivo, se pedagogo.

105- Se matar de estudar, se preocupar com a educação é pensar em valorização do trabalho é batalhar constantemente para ter reconhecimento, o que certas profissões recentes já tem, respeito.